

RelevO

Dezembro de 2024 / n. 4 a. 15
ISSN 2525-2704 / Periódico
literário independente feito em
Curitiba-PR desde set/2010

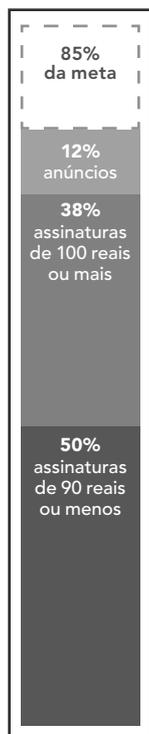
DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA

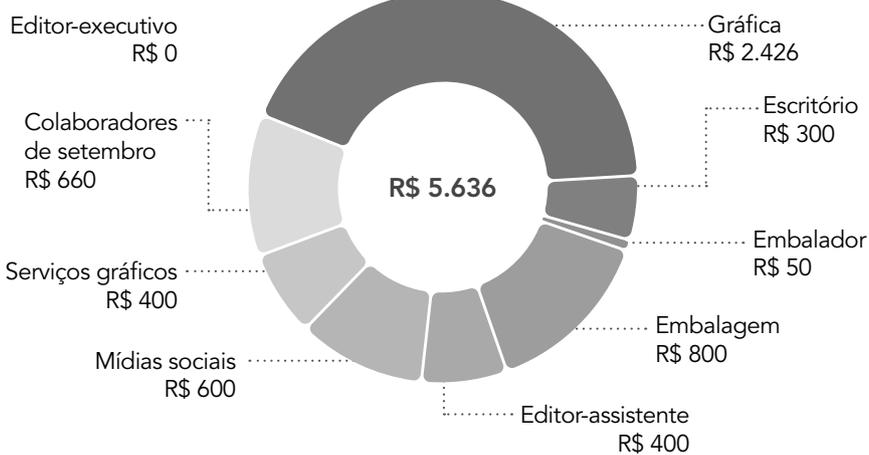
ASSINANTES ▶ R\$ 7 Andréia Santana; **R\$ 15**, Amanda Ferreira; Franklin Souza Araujo; **R\$ 70** Damião Seridó; Lucas Catequese; Ghislaine Pelat; Aline Cristina de Souza; Indaletes Correia; Dani Giannini; Mayra Corrêa e Castro; Reinaldo Colini; Luciana Henrique Mariano da Silva; Lucas Sanches Lima; Dani Meriko; Osvaldo Jeronymo Neto; Mila Cassins; Priscila Nogueira Branco; Renata Fontes; Tenório Rocha; Tânia Rego; Francisco Leandro Costa; Maria Beatriz de Oliveira; Gilberto Marques; Rodrigo Kmiecik Passos; Marcos Antonio Teixeira; Gilberto Bazarelo; Carol Camargo; Eduardo Bueno de Oliveira; Ricardo Leão; Cintia Yamanaka; Marcelo Wilinski; Mariana Zambon; Pedro Penido; Guto Souza; Carol W; Marta Avancini; João Theodoro; Erica Dias Gomes; Juliane Knopik Digiovani; Ronaldo Pithan; Maria Marta Avancini; Fábio Cairolli; Luciana de Fátima Freire Conceição; Priscila de Sá Santos; Renato Bueloni Ferreira; Erika da Silva Santos; Letícia Luz; Ederson Nunes; Ricardo Rodrigues; Emerson Penha; Ana Amorim; Graziela Pachane; Betina de Tella; Bruno Bossolan; Sirineu Bezerra de Oliveira; Sofia Gutierrez; Eugenio Vinci de Moraes; Anthony Portes; Jeison Giovanni Heiler; Marcos Antônio Teixeira; Ialos Frühstück; **R\$ 80** Eduardo Pereira de Souza; **R\$ 90,00** Rômulo Cardoso; **R\$ 100** Francisco Del Rio; Miguel Ângelo Manassés; Eliane Dzierwa Zaioc; Rita Cassitas; **R\$ 105** Carlos Henrique dos Santos Pinto; Esmeralda Faiad; Mayron Engel Rosa Santos; Vitor Menezes; Teresa Silva; Marcelo André Fernandes; Rozana A. Gastaldi Cominal; Igor Lucchese; Márcio Berclaz; Marco Antonio Milani; Afonso Felix; Dinovaldo Gilioli; **R\$ 140** Edmar Guirra; Bárbara Viacava; Natali Vancini; Fábio Dobashi Furuzato; Alice Ribeiro Lopes; Jauricio Grizafis Junior; **R\$ 200** Lucas Scandura; **R\$ 280** Damaris Pedro; **R\$ 300** Eduardo Bueno de Oliveira.

R\$ 7.547 TOTAL ◀

ANUNCIANTES ▶ R\$ 70 Flesch Notes; Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 100** Bárbara Luisa Martins; **R\$ 200** Flávio Sanso; Fernando Mundim Veloso; **R\$ 1.040 TOTAL** ◀ Editora Sinete; Marcos Borba.



CUSTOS FIXOS



DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 3.412

DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

NÚMEROS, EU QUERO SABER DOS NÚMEROS

Entradas totais: **R\$ 8.587**
Saídas totais: **R\$ 9.483**
Resultado operacional: **-R\$ 896**



EXPEDIENTE

Dezembro 2024



Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Zeh Gustavo
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: Bolívar Escobar
Advogado: Rafael Estorilio
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.500

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 28 de novembro de 2024.

ASSINE / ANUNCIE

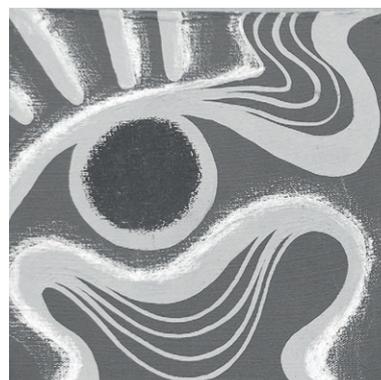
O **Relevo** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLICIQUE

O **Relevo** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **Relevo** recebe ilustrações. O **Relevo** recebe fotografias. O **Relevo** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publicue.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.



DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de **Natalia Azevedo**. Você pode conferir mais do trabalho dela em [instagram.com/natazevedoart](https://www.instagram.com/natazevedoart).

▷ CARTAS

JORNAL QUE NÃO MOVE A ECONOMIA

Najla Cristina Cardoso El Ghoz • Boa tarde, Jornal, tudo bem? Eu novamente por aqui! Primeiro, gostaria de dizer que tenho adorado as leituras do jornal. Muito obrigada pelo presente de me enviarem algumas edições anteriores junto com o meu primeiro malote. Foi uma grata surpresa. Surpresa esta que não foi tão agradável para o meu sócio, que me viu ausente das atividades por mais tempo do que o esperado. ⇒ Estou entrando em contato porque fiz uma nova assinatura do Jornal (mesmo que a minha ainda esteja vigente), mas desta vez gostaria de enviá-la como um presente para um endereço diferente do meu. Vou deixar os dados na sequência e, caso tenham alguma dúvida, ou não seja possível fazer esse tipo de “transação”, me avisem.

Da redação: É sempre possível, é possível sim.

Luis Felipe Mayorga • Aproveito a oportunidade para denunciar a Associação de Telepatia Paranaense por não enviar mais os meus informativos mensais telepáticos por e-mail, não obstante eu tenha arcado com a anuidade e... ah, espera. Estavam todos aqui no sistema límbico. Desculpem.

O JORNAL DESCOLORIDO

Wesley Loose • Aqui na minha cidade havia um jornal local cujo lema era “o descolorido que todos gostam”, pois era o único em preto e branco comparado aos jornais que vinham da capital. Mas era meu preferido. Tinha uma página dedicada à literatura que publicava autores locais. Em 2021 recebi das mãos do editor sua última edição impressa: pandemia, impressão, assinantes, dos custos da vida, né... Descobri o **Relevo** logo depois, em 2022, e a primeira coisa que pensei foi: “que legal, um jornal inteiro só de literatura (crônicas, poemas, ensaios)!” A cada editorial que leio (e a cada espiada no balancete) torço pela superação e pela continuidade do descolorido **Relevo** que agora abre seu ano 15.

Humberto Figueiredo • Caro editor. Olha, vou ser sincero: os textos não

andam bons. O conteúdo do Jornal muitas vezes não nos leva a lugar nenhum, os textos parecem perdidos em meio a clichês e narrativas mornas. Mas, confesso, de vez em quando, consigo rir, e isso talvez já faça o esforço valer a pena. Se a intenção é arrancar um sorriso, então... acho que tá ok.

SUPERCOMPUTADOR SURPREENDE E PREFERE SER TORRADEIRA

Arthur Ankerkrone • Esse texto é maravilhoso. Parabéns!

Keyla Grein • Que fofuraaaa vocês! Recebi há pouco as edições incríveis 🥰🥰 Parabéns mais uma vez, lindão e muito competente e muito inteligente todo o trabalho. Logo quero assinar, charmoso demais! Obrigada!

Paulo Bernini • Oi, Jornal, desculpe a minha distração, chegou sim o exemplar, obrigado. Em um futuro breve, quero contribuir com o Jornal. A abordagem gentil é a melhor. Abraços!

Renata Meffe • Oi, Jornal. Moro na zona rural, aqui não chega correio. Mas se um dia voltar pra vida urbana, vou considerar essa possibilidade (sim, tô aplicando o golpe do “na volta a gente compra” 😊). Sou fã do Jornal. Parabéns a todos aí pelo excelente trabalho.

Nelson Souza • Chegou sim o jornal por aqui, perfeito! Achei belíssimo o trabalho de vocês. Muito obrigado por proporcionar essa experiência de ter contato com um material tão bom. Parabéns pelo empenho e dedicação.

JV Fiorot • “o escritor pega sua caneca de café fumegante, senta à escrivaninha e olha para a tela em branco do computador. a ideia, ele sabe, está lá em algum lugar, mas como transformá-la em algo?” esse é justamente o tipo de

enredo desencorajado pelo **Relevo** caso você pretenda enviá-los alguma coisa. inclusive assine o jornal **Relevo**. ter lido o trecho que destaquei na seção Publique deles, mudou a minha perspectiva sobre escrever ficção. realmente, parando pra pensar, a metalinguagem, linguagem que explica a própria linguagem, é um caminho natural para quem trabalha com (vejam só, vocês) linguagem. o cacete de escrever sobre escrever, acredito, acaba sendo uma daquelas refeições repetitivas que não te encham os olhos, não te fazem salivar, não são lá muito nutritivas, mas estão à mão e vão encher a barriga e no final do dia você está cansado demais pra fazer algo melhor e pobre demais pra pedir um delivery. ao escrever, inventar algo é muito mais trabalhoso do que falar daquilo que já está ali, rodeando toda a nossa vida sem o menor consentimento (a linguagem). enfim, é muito cansativo sair da ilha para ver a ilha, e estamos sempre cansados.

Maria Piloto • Oi, Jornal! Muito obrigada pela oferta, no momento não consigo arcar com a assinatura... Segui o jornal porque realmente achei interessante o propósito e são iniciativas como essas que me motivam a querer escrever enquanto algo profissional na minha vida também. Parabéns pela iniciativa!

DOS EMAILS QUE NOS EMOCIONAM

Pedro H. Zimmerman • Sou coordenador do Museu do Livro Esquecido. Gostaria de saber quais as possibilidades para tornar a nossa instituição anunciante no jornal e também pedir um aumento no recebimento para distribuição mensal para 25 exemplares. Atenciosamente.

NOTAS DE LEITURA

Teresa Silva • Agosto: gostei das poesias de Rodrigo Madeira e das ilustrações de Oli Maia. Zeh Gustavo,

ótimas análises. Engraçado “O último trabalho de El Diabôncio”, de Astrogildo Arantes. Gostei do Enclave dizendo que o “fracasso” de um filme pode ser uma benção (ponho aspas porque, em se tratando de filmes e séries, é um conceito muuuito relativo). Setembro: bacanas os poemas de Jr. Bellé em português e em kaingang, do povo que precisa ter a sua história contada. Bela Enclave sobre Adhemar Ferreira da Silva! HQ Babak, de André Caliman: boa distopia. Outubro: maravilhoso o poema do Zeh Gustavo! Escreva mais poemas, Zeh. A resenha do Bolívar Escobar sobre o buffett a quilo é ótima, assim como foi a resenha sobre o supermercado. Obrigado pelas referências para procurar depois. Bacanas as colagens de Jasmina Schmidt.

Heu Lena • Meu comentário não tem nada a ver com esta publicação, mas lá vai: A Enclave#129 traz uma coisa dita pela filha da primeira Fernanda. Eu não entendi a coisa do isolamento citado, já que existem cerca de 260 milhões de pessoas que falam português no mundo. O português é a quarta língua materna mais falada no mundo, depois do mandarim, inglês e espanhol.

Damaris Pedro • Também queremos existir, mas nem tanto.

ETIQUETA

Rafael Reinehr • Vamos seguir assinando o Jornal. Não tenho conseguido ler com afinco, estou acumulando papel com tinta, o que é uma pena, mas vou assinar novamente para estimular a cultura e vosso trabalho e na esperança de que tome tento e mergulhe nos ótimos textos que vocês compilam e, quem saber, se houver abertura, até envie um ou outro de meus escritos para vossa apreciação e potencial publicação.

*você tem
um livro de poesia?*

*nós temos
seus leitores*

*envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia*



+ de 1.500 títulos
publicados desde 2012
www.editoralitteralux.com.br

Editora
Litteralux
Porque livros iluminam

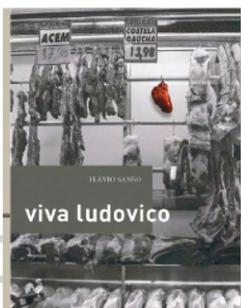


12 anos



Estamos recebendo originais:
originais@editoralitteralux.com.br

Dobras de 2024: ventos contrários, páginas viradas, publicando sob sol e chuva



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

2024 foi e ainda é um ano que merecia virar personagem do **RelevO**: cheio de nuances, tropeços e desvios, daqueles que a gente acompanha com uma mistura de desconfiança, preocupação e esperança, torcendo para um bom ponto de virada, como se o arco narrativo estivesse próximo do final feliz. No limite, como todo bom personagem de humor caricato, 2024 conseguiu arrancar um sorriso de leve e alguma fâsca de otimismo. Nos vemos na canção ‘Aprendizagem’, de Yamandu Costa (não confundir com o personagem Yamancu Bosta, que já constou em nossas páginas): “Quando lembro cada página do meu passado / Nunca me arrependo / Do que foi lembrado / Do que foi riscado / E dado pra viver”. Todos temos o nosso tempo de aprender.

No aspecto financeiro, foi especialmente desafiador. A instabilidade nos obrigou a fazer malabarismos que dariam inveja a qualquer trapezista. Mas sobrevivemos, sobreviveremos. Aliás, sobreviver parece ter virado nossa especialidade desde 2010 – e assim pensamos até quem sabe termos o mínimo controle dessa trama, apesar de não vivermos uma semana sem alguém sugerir que sejamos um periódico online.

Aprendemos muito. Descobrimos que consistência e teimosia são ferramentas indispensáveis quando os recursos estão em falta. Com mais coragem que precisão, seguimos publicando. Fomos em diversas feiras literárias independentes pela primeira vez – e não passamos vergonha. Aliás, até fizemos bonito, se nos permitem a modéstia de quem levou uns “não” educados antes de ouvir alguns “sim” pelo caminho. O **RelevO** tem 14 mil seguidores no Instagram e uma coleção de mais de 27 mil negativas ao longo de sua história. Somos especialistas em obter recusa. Outro número interessante: depois da assinatura, mais de 3.500 indivíduos

desistiram de seguir conosco ao longo de quase 15 anos.

Outro marco importante foi ampliar nossa distribuição. Agora, temos leitores em lugares onde nem sabíamos que chegaríamos, além de estarmos cada vez mais próximos de chegar ao patamar logístico que tínhamos antes do início da pandemia. E sim, ultrapassamos a marca de 1.000 assinantes. Sabemos que isso não nos torna nenhum gigante do mercado, mas, para nós, é um feito enorme. A cada assinatura renovada, a gente festeja como quem desenterra um tesouro escondido no quintal. (Ok, sem exageros – é algo mais prosaico, como encontrar dinheiro esquecido no bolso do casaco.)

Queremos que 2025 seja o ano do Jornal. Nosso plano é participar ainda mais de eventos independentes. Queremos que a nossa lojinha finalmente saia do papel e comece a funcionar – e queremos lançar o livro dos 15 anos do **RelevO**, com os nossos melhores textos publicados de 2015 pra cá. Afinal, temos o **RelevO** 5 Anos, que, inclusive, pretendemos relançar no pacote de novos erros editoriais.

Também estamos de olho em algo ousado: ter menos prejuízo. Quem sabe até um dia chegar no tão sonhado “se pagou”. O *breakeven* constante. 2024 foi um ano de nove meses no vermelho. Mais que isso, queremos continuar nos divertindo. Publicar bons textos, seguir como um espaço onde leitores e escritores se sintam em casa, mas não a ponto de querer trocar assinatura por texto publicado.

Que venha 2025, portanto! Continuaremos aqui, materializando o calendário, rabiscando futuros, inventando projetos e provando que um jornal independente pode, sim, seguir em frente – mesmo com alguns descompassos. Quem sabe, no próximo editorial, estaremos comemorando não somente a sobrevivência, mas também o encontro leve entre a incerteza e a nossa narrativa. 

 APOIADORES



MARLON REIS
& ESTORILIO
ADVOCACIA



Banca Tatui www.bancatatu.com.br
Desenho por Ângela León

São Paulo / SP

ZEH GUSTAVO

SOL DOS TRÓPICOS PRODUZINDO UM HOMEM PLÁSTICO:

notas sobre a malversação do silêncio público e de como um alívio pode ser falso, dependendo do encosto

Confesso: é armação para te pegar, mais uma vez! Tudo urdido e aloprado para terminar como não começou: título longo (comum à minha poesia de 23 leitores), ecos de falsete acadêmico (comuns ao nosso pícaro jornal), plágio de versejo da edição anterior (comum às demais colunas, mas ausente da inaugural – a que belo dum fdp sem originalidade o Conselho Editorial não negou o mandato!). Não se preocupe: não vai ficar tudo bem, ou até pode, mas esta porta se fechará (entreaberta), *automecanicamente* (afinal, trata-se de um impresso!), ao toque de algo próximo dos 2 minutos. Tum, tum, tum...

★

Dizem que a saideira nunca termina. Ainda que acabe. É o que espera todo cantador e verseiro. Anormalmente, em vão.

★

Com o “Sol sempre sobre a cabeça” escorrem os versos *solturnos* do tropical Daniel Anchieta Guimarães Lobo Pinheiro (quase dou cabo da cota de caracteres!), a nos dar a deixa, como a Enclave ao defenestrar o atual regime de abuso de telas: *nem tudo que reluz é ouro*. Esse é o ditado mais certo – até o próximo.

★

Grita a *Enclave* (eu odeio CAIXA-ALTA, alô Desclassificados de janeiro): DIMINUAM O MALDITO BARULHO.

Detalhe: sem exclamação! Como as telas “secam os olhos”, o barulho nos poda o alcance da voz.

★

Nada está tão ruim que não possa piorar, mas pense pelo lado positivo como a Maria Rosa dos *Extremos* (eu que sempre considere o **RelevO** como um *auto da desajuda*, viadamente mor-ri!, ao ler o texto dela): melhor manter o inimigo por perto. Apresentamos nosso sucessor em ombudsmância: Rafael Maieiro é botafoguense (eles apareceram!), escritor e, nas horas nem vagas, repórter das revoluções em reforma, com o perdão do tantão de erres (e erros). Bardo do caos bem editado, poeta profundo (sei lá o que isso quer dizer!), não o convide para beber: você sempre vai gastar uma baba e seu próximo sol não restará garantido.

★

Em tempo, na falta dele: não que não existam sóis gelados, mas cá atacamos pelo flanco do lugar-comum com que arvoram sua imagem de inexpugnável lugar do recomeço radiante. Brilhando num imenso cenário, o sol também pode te enganar – mais uma vez! Sobretudo se você viajar naquela *vibe* de “quem depressa quis a superfície / tanto quanto o oceano fundo”; e deitou nas ondas sem discernir qual delas agarrar pelo rabo para ir à terra; e viu se perder “o

Silêncio...
O sambista está dormindo
Ele foi, mas foi sorrindo...
Geraldo Filme, “*Silêncio no Bixiga*”

★

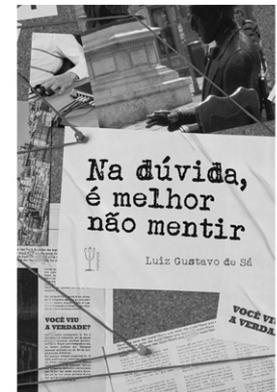
Como o **RelevO** e a simpática Bladnoch (Zanella e eu estamos empenhados em ganhar um presentinho de Natal da miúda e tradicional fábrica escocesa de whisky!), Maieiro é daqueles empenhados em formular “uma resposta às engrenagens de um sistema que nem sempre reconhece o valor do peculiar e do pessoal, transformando tudo em opacidade linear”, como bem decantou o último *Editorial*.

★

No sufoco, apelar à cadeira velha da guerra pode dar aquele alívio imediato, mas a coluna há de pagar alto preço, depois. Juro, não é etarismo: é tecnologia. *Quando é mau o encosto, pior o desgosto!* – é nós, mano, na lida de legar às próximas gerações os nossos próprios ditados.

★

Autocitação para disfarçar a ausência da requerida erudição para ocupar o espaço? Diga lá na edição que vem como o sol a tumultuar quem virou a lua na noite, *ombudsmano* Maieiro! Que fazer?! Nesta hora fatal, e na teima inconstante daquele negar-se a ser mera poeira, lembro mesmo é verso (im)próprio, como mais um desdido de pessoinha tão amorosa quanto à-toa: “Eu não aceito me despedir”.



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casimiro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).
editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir



Catálogo com
70%
de desconto!

. Literatura Preta
. Alta Fantasia
. LGBTI+
. Questões de Gênero
. Universo Fantástico
. Poesia

Estamos no Substack
e no blog do Medium

estanteis.lojavirtuolpro.com



@iseditora
Aceitamos originais!

@easdghlourghatsfr
Se que acombos que
reptil junior é
DISCRIMINADO in
kade cocaína? D' gusta em
ÓPIO E CABRAS
Isla de TRINIDAD
opreditorial.gov.br

Vitor Miranda

O que a gente não faz pra vender um livro?

I

precisava vender livros. pandemia e sem grana pra comer. morando de favor. tinha sido expulso da casa do meu pai e depois de uma casa no alto de uma montanha. tava me virando do jeito que dava.

daí ficava vendo aquelas pessoas de arte ruim exibindo suas bundas, decotes e tudo o que podiam, ganhando dinheiro. daí vi mulheres geniais ganhando dinheiro pra sobreviver com suas belas artes apelarem e continuarem sobrevivendo. é preciso muito mais do que exhibir o corpo. é preciso escrever poemas de autoajuda.

me desesperei e comecei a fazer autorretratos nus com meu livro cobrindo o meu pau. deu 400 curtidas em duas horas. “tenho que aproveitar enquanto tenho 30 anos”. meus poemas batem 30 curtidas e olhe lá. os contos, que as pessoas sempre acham que são relatos pessoais, mas não são, sempre dão um ibope a mais, pois acham que são relatos pessoais. imagina se eu faria tudo isso que escrevo.

recebi cantadas, assédios. gays, lésbicas, mulheres e até heterossexuais. novinhas e idosas. ninguém quis saber do livro. até que uma pessoa perguntou

do livro. fiquei todo feliz. 35 reais, com 6 pago o frete, metade pago a editora, me sobra 14 conto. vou ao correio a pé.

— o autor que entrega?

aí é foda... como cortar na educação sem perder a venda?

— então, sabe como é, pandemia, não tô saindo muito de casa. tô enviando por correio.

— tá, quando acabar a pandemia eu te chamo.

é sempre assim. foda... fui tomar um café, lavei a louça que era pouca, a vida é assim quando não tem grana, daí fui

cagar, levei um livro pro banheiro, mas fiquei no celular.

— se eu comprar o livro o autor vem junto?

barriga vazia é oficina. essa venda eu não perco. tava puto. taquei o foda-se.

— pro autor ir junto é mais caro.

— quanto?

— 250 a hora.

— com o livro?

— com o livro fica 285.

— o livro não precisa.

— tá, o livro vai de brinde. que horas?

— umas 20h?

— fechado, passa o endereço.

II

continuava me prostituindo. dessa vez sem cobrar. uma mulher me mandou mensagens no instagram perguntando sobre o livro. gostei dela. curti algumas fotos. casada e com filhos. vendi o livro e pedi o endereço.

— me entrega pessoalmente.

olhei as fotos de novo. topei.

— onde?

— na minha casa.

— você é casada?

— sou.

— ele vai comprar o livro também?

— tá viajando.

cheguei num condomínio de classe média. interfonei. o porteiro abriu o portão e ficou me olhando. peguei o elevador e me senti vigiado pela câmera. cheguei e a porta estava semiaberta. fui entrando.

— tire o tênis, por favor.

ouvi uma voz segura vinda da cozinha.

— posso tirar a roupa também?

apareceu na porta da cozinha com duas taças e uma garrafa de cerveja.

— ainda não. nem te conheço.

— você vai gostar. tudo bem?

— tudo ótimo. tire essa máscara.

tirei a máscara e sentamos à mesa.

— então você é o poeta.

— parece que sim. é o que dizem por aí. até quando falam mal de mim.

— e falam mal de você?

— tem um crítico aí que fala mal de mim, mas ainda assim me chama de poeta.

— talvez ele queira dar pra você.

— talvez. e você?

— eu o quê?

— quer dar pra mim? brincadeira. o que você faz?

— danadinho. bom, eu sou publicitária.

— adoro publicitárias.

— é mesmo?

— sim. e mulheres casadas também.

— você parece os personagens dos seus livros.

— você já leu meus outros livros então...

— sim. eu e meu marido.

— e ele onde está?

— viajando a trabalho. mas ele sabe que você está aqui.

— sabe?

— sim. e achou ótimo!

— você é casada com o Will Smith?

— não. você bebe whisky?

— sempre que me oferecem, não tenho dinheiro pra beber esse tipo de coisa.

— deu sorte hoje.

— percebi.

ela foi buscar whisky na cozinha. fiquei olhando a decoração e os cartazes de filmes pendurados. curta-metragens

e um longa do qual eu era muito fã. ela sentou e acendeu o cigarro.

— posso pegar um?

— você não tem dinheiro pra fumar também?

— quase nunca, mas hoje dei sorte. obrigado.

acendi o cigarro e ficamos nos olhando.

— você é bonito, poeta.

— eu sou apenas um rostinho bonito.

sorri com sarcasmo. adoro rir do fracasso.

— vem cá, me fale sobre os cartazes dos filmes.

— qual deles?

— ah esse atrás de mim. ou aquele longa ali naquela parede.

— são os filmes que meu marido dirigiu.

— você tá de sacanagem?! sou fã do seu marido!

ela sorriu com orgulho. eu sorri junto.

— e ele sabe mesmo que estou aqui?

— sabe.

levei minha cadeira junta a dela.

— se eu te beijar vou poder ser amigo do seu marido?

— com certeza — disse sorrindo.

foi um beijo apaixonante. se eu fosse casado com ela também teria um relacionamento aberto. ela merece a liberdade de beijar. as pessoas merecem um beijo

apaixonante. nem todas. mas eu estava com sorte.

— parece que estou com sorte.

— está.

transamos no sofá. me apaixonei. a gente sabe quando se apaixona no exato instante. continuamos a beber nus.

— quer usar drogas?

— qual?

— pó. maconha.

— os dois ao mesmo tempo?

— triatlo. pó, maconha, álcool...

— e sexo. mandavê.

ela trouxe uma caixa até a sala.

— essa é a caixa das drogas.

— é uma caixa grande.

— também é a caixa dos vibradores.

— você usa com o seu marido?

— claro.

— vai usar comigo?

— você não está com tanta sorte assim.

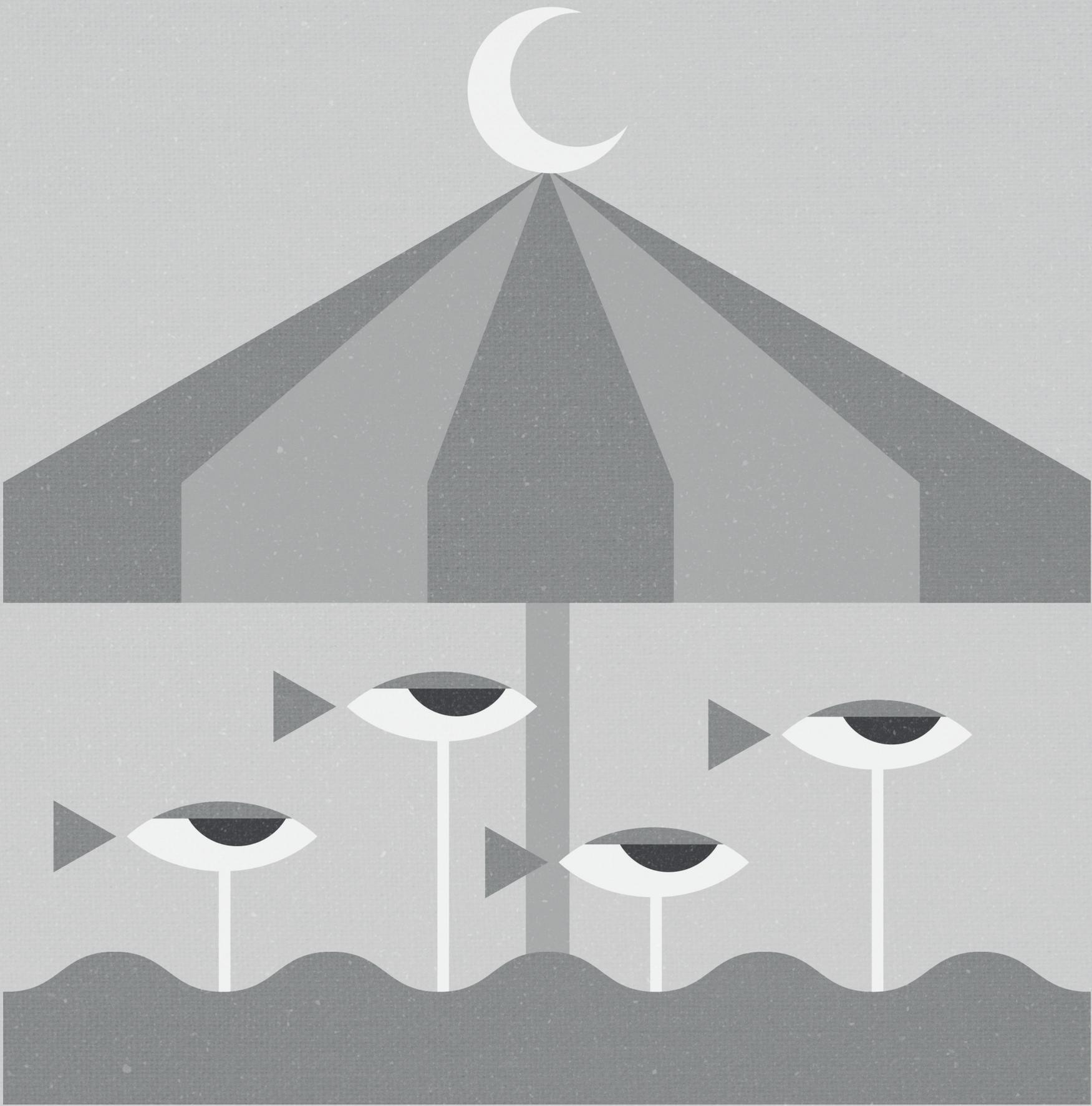
fumamos o baseado e depois cheiramos no corpo um do outro. falamos sem parar até quando o dia começou a clarear. daí ela levantou e me mandou embora.

— não vai me convidar pra dormir?

— dormir é muito íntimo. não está nas regras.

— que pena. tenho mais sorte durante a noite.

nunca mais me ligou. espero não ter perdido um casal de leitores.





Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Carolina Bataier

Poemas de *Pia Cheia* (Editora Patuá, 2023)

Reparação

Que bom é viver na época
dos poemas sem métrica e rima
eu, Virgínia,
uma mulher com teto
alugado
e com o tempo
contado
posso empilhar
palavras
no bloco de notas
do celular
para falar
de medos
prazeres
e reinventar
a história
das minhas avós
e bisavós
enquanto a pia
se enche
de louça
e eu deixo
para depois
a escrita é minha
vingança.

Para sustentar uma alegria

Use balões
amarrados
aos ossinhos dela
ou duas varetas
compridas
como as patas
dos elefantes
de Dalí
pode funcionar
pernas de pau
numa rua
de paralelepípedos
no centro
de uma cidade
velha
olha lá
que danada
essa alegria
rebolando
equilibra
quase
despenca
balança
mas não cai.

Calma

O coração,
os rins,
os pulmões
e outros órgãos vitais;
os aparelhos que mantêm vivos
velhinhos, recém-nascidos,
acidentados e doentes;
as mãos da socorrista
contra o peito
reativando as pulsações
o ciclo de sopros
da respiração boca a boca
e aviões em pleno voo
não podem parar.

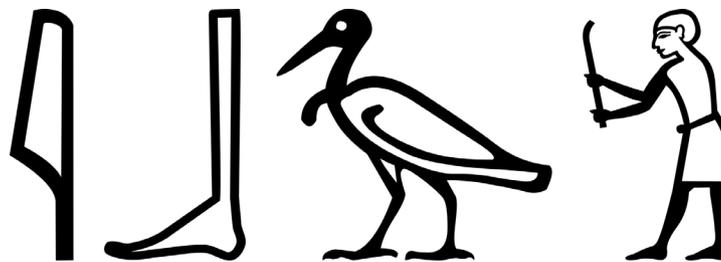
Todo o resto, sim.



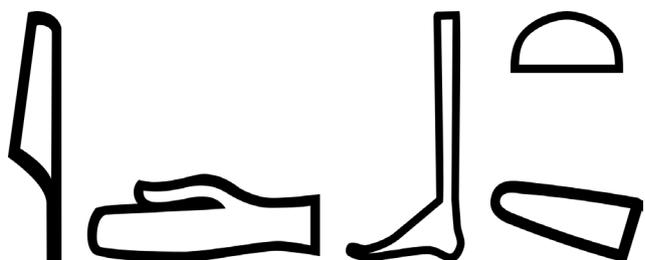


Peresch Aubham Edouhou

A partir da arte hieroglífica baseada no parentesco linguístico estabelecido entre a língua faraônica e as outras línguas kandianas (africanas) modernas, esta arte representa uma imagem-fala que aborda a relação entre o *lago* (ou rio), uma entidade divinizada e humanizada na cosmologia kandiana, e o *humano*. Se ambos têm uma essência divina, ambos podem fazer danos um ao outro.



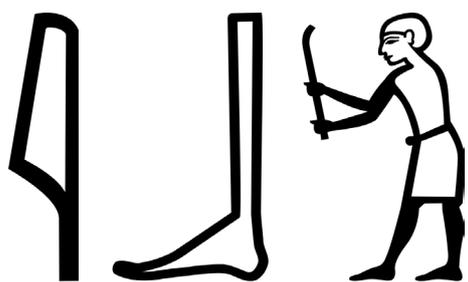
EBWA EBOL



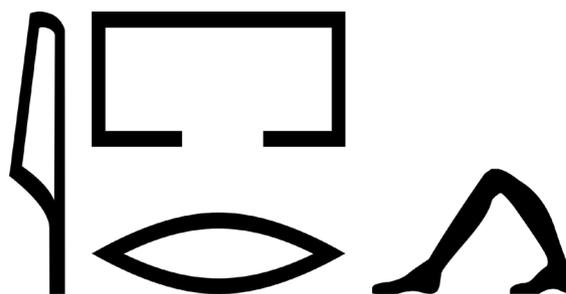
ETHBA EDIBA



UWT MOT



EBW EBO



ETIA EPIAL

Bolívar Escobar

Alguns haikais

Inaugurar a pastelaria

Pingando gordura, um comeria; e mais dois comerei

Neste dia, pastelarei

Uma escova de dentes é útil

Para limpar coisas pequeninas que escovas maiores não alcançam

Como, por exemplo, os dentes

Economia para iniciantes:

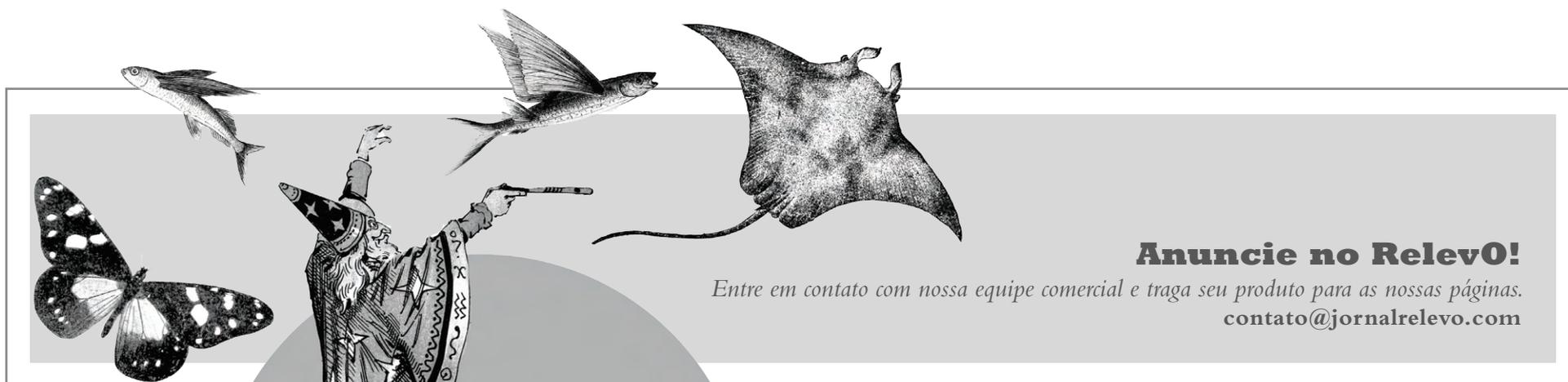
É de comum acordo que o mercado tanto se autorregula

Quanto se auto-desregula

Contratei uma assessoria:

“Descubram a palavra que mais leva a letra ‘S’”, ordenei

“E se o desassessorássemos?”, responderam



Anuncie no RelevO!

Entre em contato com nossa equipe comercial e traga seu produto para as nossas páginas.

contato@jornalrelevo.com

DISCURSOS DE ÓDIO

O **RelevO** decidiu encerrar o ano com chave de roda e com a gloriosa campanha “Contribua com seu Ódio Previsto em Lei” lá nas redes sociais. Afinal, 2024 foi um ano que não economizou na dose diária de caos e, sejamos sinceros, a gente sabe que você está transbordando de pulsões das mais vis. Estava na hora de azedar!

Funcionou assim: em até 80 caracteres, você podia liberar sua Pílula de Ódio Constitucional. Sim, dentro das margens da

legalidade, porque ser odioso sem ser processado é a verdadeira arte da vida moderna. Detonar aquele projeto urbano desastroso? Reclamar do preço do tomate? Criticar o algoritmo que te persegue com anúncios de panetone? Valia! O desprezo honesto une a todos nós no desalento coletivo. O Brasil não é para amadores, sabemos, mas o **RelevO** é para você, o que dá uma boa dimensão do buraco em que estamos.

Silvia Prestes

LOCAL NÃO INFORMADO

Tento seguir o mandamento “ame o próximo como a ti mesmo” mas na maioria dos dias odeio as pessoas. E o Brasil inteiro, a serra elétrica que fica gritando o dia inteiro, a música idiota do caminhão do gás. Odeio a falta de consideração e o egoísmo. E muito mais ainda a falta de educação. Amém.

Raphael Cerqueira

SÃO GERALDO, MG

Que neste Natal todos possam cear na casa do caralho.

Deságue-se em poesia

LOCAL NÃO INFORMADO

Ódio de passar uma vida renegando o ódio.



Laricia Mello

FORTALEZA, CE

Igualdade não existe, muito menos na justiça brasileira. O pobre rouba um Rexona e é tratado como escória, o rico faz o que quer e é solto.

Jô Ambrozio

LOCAL NÃO INFORMADO

Ódio de quando te dizem que tudo vai ficar bem. Quase como um cartomante.



Solidão Literária

LOCAL NÃO INFORMADO

Por quê algumas psicólogas fazem fotos profissionais mostrando os pés descalços? Nada a ver isso. Outras ainda adoram usar a palavra “construção”, construção é do metrô, sei lá, se liga. Tem ainda a galera que não vê vantagem em instagram profissional, naquele discurso de off-line, meio superior. Se eu quero estar online me deixe! “Tudo vale a pena se a alma não é pequena!” Xo, sai pra lá.

Hugo K. Ferreira

LOCAL NÃO INFORMADO

Eu odeio o voto obrigatório.

Fabrcio

ARARAQUARA, SP

Meu ódio hoje é com meu PC que deu pau atrasando meus trabalhos 😞

José Rodrigo

PROFISSÃO NÃO INFORMADA

Odeio minha profissão ODEIO ODEIO.

Jordan Alcântara

FORTALEZA, CE

Faixa esquerda é trânsito rápido e ultrapassagem! Vai entrar ou parar? Dá seta!

Leandro Cavassin Neto

LOCAL NÃO INFORMADO

Eu tenho um ódio mortal por avaliação de serviço, quem inventou isso merece uma estrela!

Kacire Ema

LOCAL NÃO INFORMADO

CANSADA de tentar viver de migalhas como artista e todo ano ter que escrever projeto pra edital como quem faz uma fêzinha. Abaixo a loteria dos editais.

Pedro Gontijo

LOCAL NÃO INFORMADO

Odeio que minha filha olhe o horizonte e veja o mundo em chamas e geral jogando gasolina.

Maria Fernanda

CURITIBA, PR

Ódio a todo tipo de exposição imersiva que consiste em imagens em uma telão, um espaço “instagramável” e um ingresso que custa no mínimo 45 reais. A nova é ver Poty em óculos de realidade virtual. Vai dar uma volta por Curitiba que você verá quem foi Poty de verdade - e de graça, acredita?

Amanda Machado Neves

CURITIBA, PR

Impressionante a quantidade gente que reclama e reclama, mas não percebe que fala de si. Falta um espelho mágico que não espera uma pergunta pra falar alguma coisa, mas ao menor sinal de falta de auto-consciência responde, “tá falando de você, mona?”

Giovani de Jesus

IJUÍ, RS

Aquele crochê na tampa do vaso... Inimigo dos homens.



Sabrina Dalbello

RIO GRANDE DO SUL

Podia chegar o momento que o “tá, agora chega!” se tornasse realidade.

Bruna Sattim

LOCAL NÃO INFORMADO

A lógica que terapia nos tira da depressão, quando o causador da depressão é o capitalismo, e o que a terapia faz é ajudar a gente a aceitar e aguentar a carga desumana de trabalho, falta de tempo de qualidade, etc.



Ana Calomeni

ARANJEIRAS, RJ

É pessoal, o mundo tá punk mesmo... (fiquei tão desanimada que até o meu ódio tá sem força).

Antonio Paradisi

COITADOLÂNDIA

Odeio textos de homens bebezões que transformam coisas como a mãe que faz tudo para ele viajar por alguns dias ou uma mera fila de bufê em embates de jornal literário.

Ítalo Rafael Lima Dourado

SOBRAL, CE

Às vezes eu penso no meu pai. Porque pai é um bicho perturbador. Eu odeio meu pai. Eu odeio minha irmã, por causa dela eu saí de casa e sofri por 10 anos. Eu odeio minha “família”, eles são falsos uns com os outros, mas, como cobras em um ninho, ainda continuam próximas. Eu odeio você, meu tio, por usurpar as terras do meu avô, embolsar o dinheiro da venda e dizer que fez isso para cuidar dele. O meu avô não precisava de dinheiro, ele necessitava de atenção. Eu odeio novembro, é quando eu fico um ano mais velho, é o mês que a minha mãe morreu em meus braços, é o mês que o meu carro deu um prejuízo de 3 mil. Eu me odeio também, e conviver com isso é difícil, mas eu odeio mais ainda todas essas questões antecedentes.

Lethícia Fernandes

JUIZ DE FORA, MG

Odeio quem chama tempo chuvoso de triste e feio. Triste e feio é você.

Finn O'Doherty

PORTO ALEGRE, RS

Venho manifestar meu desprezo pela escala seis por um. Sem mais.

Larissa Mirela

CURITIBA, PR

Eu odeio reuniões que poderiam ser um e-mail, áudios que poderiam ser uma mensagem escrita e mensagens que poderiam nem ter sido enviadas.

Antonio Sodré

SÃO PAULO

Vi a luz no fim do túnel. Que ódio! Era um trem sem freios na outra direção!



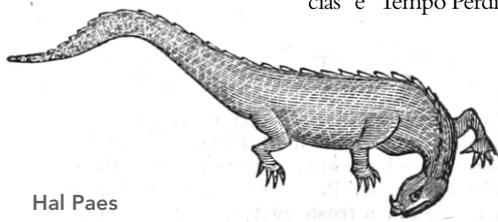
Alex Zani

BOTUCATU, SP

Eu odeio windbanner. Toda vez que vejo um, sinto uma vontade absurda de pregar um chute e deixar tombado na via ou no passeio.

Alex Zani
BOTUCATU, SP

Eu odeio Paris.



Hal Paes
RIO DE JANEIRO, RJ

Eu,/ Que sempre fui/ Viado, escroto/ Nojento, mas/ tampouco/ Me importei com isso./ ... Segui meu rumo./ Ninguém pagou minhas contas/ E no fim das contas/ Quero que se fodam/ No bom sentido,/ É claro!/ Pois se gozassem,/ Não estariam a se preocupar/ Comigo./ Continuarei assim,/ É minha sina,/ Não ser de outro modo/ Senão eu.

Eduardo Henrique Neres
CATANDUVAS, PR

Estou num ônibus, estragado E EU ODEIO QUANDO O ÔNIBUS ESTRAGA JUNTO COM MEU DIA.

Nildo Costa
BELÉM, PA

As versões remix de “Anunciação”, “Evidências” e “Tempo Perdido”.

Livia Woodcock
HOUSTON, TEXAS

Pêu pèopèdeipèu pèlímpêguapêgem pè-neupêtra.



Angelo Menezes
GOIÂNIA, GO

Não consigo cultivar solidariedade por pessoas que não retribuem cumprimentos! O quão grande é a solidão e a maldade no coração de alguém quem não devolve um bom dia? Todos que compactuam com a falta de educação merecem perder o RG na rua.

Rafael Arcanjo
FRANCA, SP

Eu odeio ter que me conformar, Lutar e não ganhar, De saber que as coisas são como são E do jeito que é, aceitar, Ler romances de livros e pensar Que aquilo não é verdade, é ilusional, E pagar psicólogo para ele me ouvir reclamar.

Helena Colares
MARINGÁ, PR

Eu odeio dirigir quando chove. É só cair uma gota de água do céu que o cidadão maringaense desprende os princípios básicos do acelerar e frear. Odeio!!!!!!

Guilherme Scallop
CURITIBA, PR

Queria que a guerra acabasse, que a violência acabasse no Mundo. Odeio todo e qualquer tipo de violência. Exceto BDSM.

Beatriz P.
SÃO PAULO, SP

Fascismo e Força começam com F. Não estou sugerindo nada, só apontando uma coincidência ortográfica.

Michel Souza
TAUBATÉ, SP

Odeio felicidade matutina. Quem é feliz antes das 10h? Exceto em casos de viagem de lazer.



Barbra Eliza
CURITIBA, PR

Estou triste com tanta salada.

Claudio Boczon
CURITIBA, PR

Odeio o dia a dia!



Henrique Ollivari
COLOMBO, PR

Odeio acordar de maus sonhos, em minha cama metamorfoseado num inseto monstruoso

Débora Mitrano
RIO DE JANEIRO, RJ

K-pop. Incel. Jogadores de League Of Legends. Youtubers gamers. Sabonete Phebo. Entusiastas de vitrola. Fanáticos por RPG. Usuários do Discord. Pais beijando bebê na boca. Carne seca no feijão. Vinagrete é uma coisa, molho a campanha é outra, não confundam. Carne seca no feijão. Feijoada. Menstruar. Meu fluxo é intenso. Gasto muito absorvente. Rua suja de santinho em época de eleição. Quem chama o Boulos de invasor. Quintal sujo de fezes de galinha. Do fundo do meu coração, odeio ratos. Beber bebida alcoólica e demorar pra ficar chapada. Panelinha. Poema que dizem: “Poesia é...” Hard rock. Água com gás. Maquiagem em excesso. Quem bate palma pro sol. Fãs de “A sociedade dos poetas mortos”.

Fernanda Carvalho
CURITIBA, PR

Odíamos livros de coach com verbos no imperativo no título.

Ialos Frühstück
JOINVILLE, SC

Prefiro o ódio em concreto (que odeia aquilo que merece ser odiado) do que esse paz e amor em abstrato (que tolera o intolerável). Odeio esse clima de festa!



Leandro Machado
BREVES, PA

Odeio coachings. Esses pseudos profissionais do mundo capitalista. Phthirapteranos do homem contemporâneo.

Eliana Presser
PASSO FUNDO, RS

Eu odeio resolver meus próprios problemas (os dos outros também).

Tamires Alcântara
BRASÍLIA, DF

Odeio quem mexe no celular enquanto anda. Fico torcendo pra pessoa trucidar.

Catia Andrea Cernov
FLORIANÓPOLIS, SC

O aquecimento global está chegando, mas os homens de gravatas não serão extintos. Não teremos mais comida, mas continuarão a nos vender colheres.

Danilo Almeida
SALVADOR, BA

Não aguento mais ouvir falar em eleições.

Douglas Lambert
SÃO PAULO, SP

Depois de ser mal atendido no SUS, um amigo largou a carreira pra estudar medicina. Eu estou quase virando raspador de taco.

Antonio Sodré
SÃO PAULO, SP

Tocava violão. Ganhei um cavaquinho. Gingado diferente. Espatifei o maldito.



André Luiz Maida
SÃO PAULO, SP

Odeio atendente em treinamento. Se tem uma coisa que acaba com meu dia tá aí.

Jeinni Puziol
MARINGÁ, PR

O inferno tem muitas portas, dentre elas, um vizinho com uma wap nas mãos.

Manuella Torres Baglioli
CURITIBA, PR

Eu ODEIO a pessoa que inventou que sopa é janta. SOPA NÃO É JANTA!!!!

Camila Correia
PORTO ALEGRE, RS

Odeio o ódio e odeio odiar. Odeio saber que te amo e não conseguir me libertar.

Sara Cristina
UBERLÂNDIA, MG

A Universidade me frustra. Odeio o fato de que a escola pública não te prepara para o vestibular, nem para o ambiente acadêmico. Me dói saber que isso não é um problema dos professores, ou uma crise educacional (como normalmente é espalhado por aí) estamos diante de um problema social e dos grandes... O novo ensino médio é apenas mais uma forma de impossibilitar que pessoas da rede pública cheguem ao ensino superior. Nem todos os professores universitários conseguem enxergar a realidade dos estudantes. Tudo me frustra muito e me dói saber que todo essa dificuldade vai se tornar, uma hora ou outra, uma história de superação no fantástico. Roubam até nossos sonhos de nós.

Rafa Rofo de Andrade
CURITIBA, PR

Odeio a mentira, pessoas malignas, a corrupção, minha imensa ignorância e falta de visão de tantas coisas, falta de poder (não estou falando ganância). Odeio a existência da maldade e do sofrimento.

Marcos Mesquita
RIO DE JANEIRO, RJ

É sábado de madrugada, eu levantei, estava chovendo e eu tenho que ir trabalhar pego ônibus lotado com pingueiras dentro, tenho que saltar e pegar o trem lotado que atrasou porque teve seus trilhos furando, não sei por onde anda o meu título de eleitor, amanhã tem eleição distrital, eu tenho que escolher alguém menos mal, senão eu pago multa; depois que houver apuração, uns riem e outros chamam de decepção, não fazem promessas e nem me dão mais atenção...

Fabiano Rossi Júnior
CURITIBA, PR

Eu odeio Kwids. Eu odeio donos de Kwid. Morte ao Kwids.

Gabriela de Freitas
GOIÂNIA, GO

Legging fluorescente deveria vir com termos de uso responsável: um desafio olhar.

Henrique Morgante
SÃO PAULO, SP

Eu não sei escrever pouco. Odeio profundamente esse limite de 80 caracteres!

Circo das luvas

Quem diria que uma luta entre um jovem insolente e um senhor cansado seria um espetáculo deprimente?

“Tom Jobim brincava que temia encerrar a carreira aos 80 anos, cantando ‘Garota de Ipanema’ num circo do interior e sendo vaiado”.

Fôrma sem forma, sombra sem cor

Se você deu a sorte de *estar por fora*, não sabe que Jake Paul, um youtuber milionário empreendedor americano etc., lutou com ninguém menos que Mike Tyson, o Mike Tyson. Aquele Iron Mike, outrora o mais jovem campeão de pesos pesados da história, com apenas 20 anos. Mas isso faz muito tempo (1986), e o tempo passa [o rodo]. Sua última luta oficial havia sido uma derrota em 2005, há quase 20 anos.

Jake Paul, nascido em 1997, fez muito dinheiro com a atenção de pessoas mais jovens que eu, então migrou para alguma outra coisa, então decidiu – junto de seu irmão, Logan – chacoalhar o mundo das lutas quebrando o pau com (ex) atletas (beem) selecionados.

Tyson não foi o lutador mais consistente de sua época, mas certamente foi o mais explosivo, temido, marcante. Quem o viu nos anos 1980 nunca esqueceu; não tive o privilégio (nem Tyson, nem Senna), então cresci apenas com as lendas. Tyson era por si só uma bomba, uma assombração. Um ícone, afinal. Para uma criança da minha época, “boxe” significava “Tyson”, ponto — a história da mordida na orelha era por si só tão famosa quanto a modalidade.¹

Mas Tyson tem 58 anos. E, afinal, por que diabos sequer *queremos* assistir a isso? Por que nossa curiosidade não resiste?

Aí entra o grande mérito do jovem Paul. O *insight*. Conversão. *Sales*. *Leads*. Marketing digital. Infoprodutos. *Et cetera*. Pois bem, aparentemente apegado à dinâmica de ser

detestado – até porque tanto faz, ele já é um *winner* e *winner*s podem fazer qualquer coisa –, Jake Paul promoveu ativamente a imagem de jovem insolente, inclusive adotando o epônimo The Problem Child. Ele basicamente fez questão de parecer um cuzão. Diante de Mike Tyson. Para Mike Tyson. Na frente de Mike Tyson.

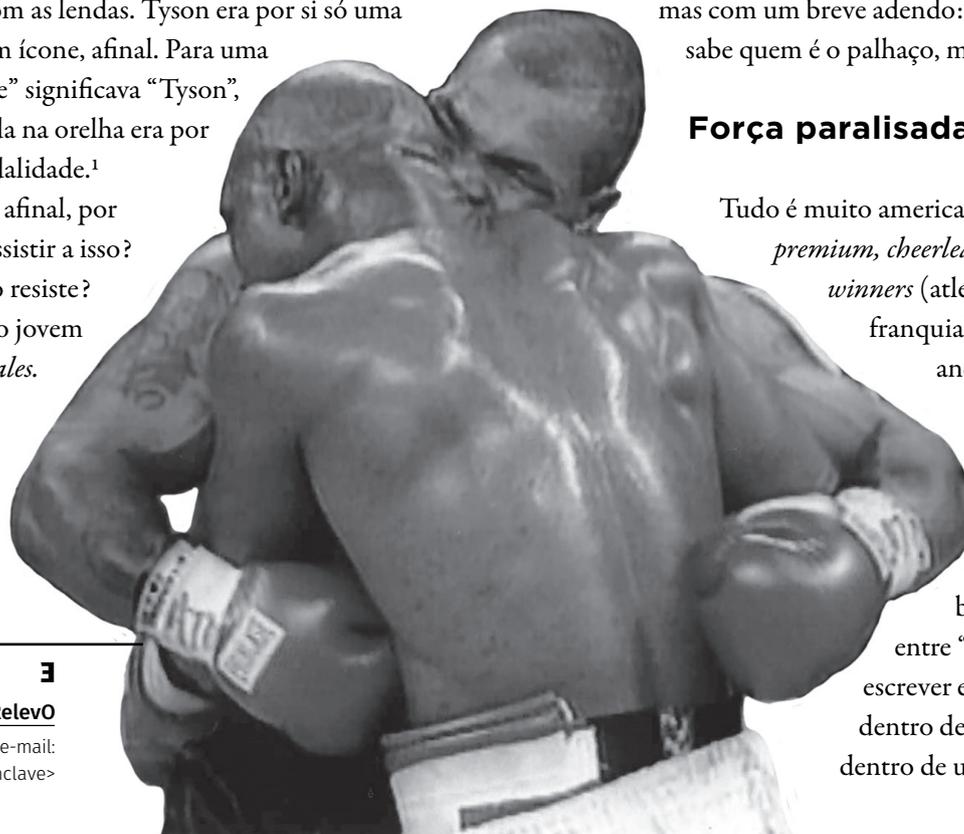
A cereja do bolo promocional foi a pesagem, no dia anterior. Paul pisou no pé de Tyson e levou um tapaço na cara. “Ah, eu pisei no pezinho dele, é?”, ele depois diria em entrevista, com espontaneidade comovente.

O corolário é óbvio: todos queriam ver Tyson cortar sua cabeça. Afinal, quem esse moleque pensa que é? O que significa, para mim e para o mundo, se o grande Hércules com o qual cresci não consegue dar uns tabefes num novo *douchebag*? Por fim, estamos falando de uma luta oficial, profissional, válida para o cartel de cada um. Não se tratava de uma exibição, um “amistoso”. Era para valer, literalmente. Mike Tyson aceitaria essa mancha?

Como sempre, queríamos a catarse. Um jovem contra um idoso numa modalidade que consiste em agilidade e tempo de reação? Pouco importa. Era Mike Tyson. Era, principalmente, nossa pequena vingança anímica terceirizada em narrativas. O circo estava armado, mas com um breve adendo: se você chega ao picadeiro e não sabe quem é o palhaço, meu amigo, tenho más notícias...

Força paralisada, gesto sem vigor

Tudo é muito americano no AT&T Stadium. Assentos *premium*, *cheerleaders*, participações especiais de *winner*s (atletas, atores, o bilionário dono da franquia); *trailers*, *promos*, *celebrities* passando na tela antes do grande evento. A Charlize está lá – lindíssima! Hino sagrado antes do grande embate.² Na entrada, a personificação – obviamente calculada – da boçalidade. O espetáculo montado entre “raiz” e “Nutella” (que tristeza escrever essas palavras!). Paul e seu *entourage* dentro de um Chevy Dually, um pombo dentro de uma gaiola (Tyson adora pombos),



E N C L A V E

a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

o som de ‘Something in the air tonight’ (Tyson em *Se Beber não Case*). Iron Mike sozinho.

Os dois primeiros rounds – eram oito de dois minutos cada – mostraram alguns lampejos daquele antigo espírito assassino, que derrubava torres 10, 20, 30 centímetros mais altas que seu módico 1,78 metro. Até que a realidade bateu.

Muito se discute (com razão) sobre a autenticidade desse tipo de evento. Seria tudo *armado*? Sempre tendo a acreditar nas hipóteses mais simples: não é preciso esquematizar. Não tudo.

Depois do segundo round, Jake Paul controlou a luta com inegável tranquilidade. Acredito que, sim, ele ainda temia levar alguma pancada inesperada e acabar com a noite. Porém, a dinâmica do combate permanecia sob seu controle. Com baixo risco. E esse tipo de evento megalomaniaco existe justamente porque esses riscos já foram levados em consideração. Não é preciso amarrar detalhes. Um sujeito de 27 anos bem treinado, bem preparado fisicamente, devidamente assessorado e com alguma experiência de luta enfrentou um senhor de 58 com problemas no joelho e aposentado há 20 anos em uma luta profissional. Ponto.³

Jake Paul teve pena. Poderia ter ido para cima do Iron Mike. Não foi. Este se via cada vez mais frustrado por não conseguir atingir seu oponente; se pudesse, o derrubaria. Não parava de morder a própria luva. E assim – para variar, *not with a bang, but a whimper* –, a plateia murchou logo que se deu conta. Aquilo que nos foi prometido não aconteceria. A catarse não só não viria como se subverteria em logro. Aos poucos, a esperança da nostalgia se fechava.

No entanto, os espectadores-clientes haviam *pagado* pela nostalgia. Todos queriam “ver o Tyson”. Rever, reencontrar. Entender aquilo que seus pais relatavam. Ao vivo, num *evento*, com o devido entretenimento. Com a Charlize Theron.

Mas em que consiste “ver o Tyson?”. Aquele é Mike Tyson? Como um Navio de Teseu cujos componentes não mudaram, a resposta lógica é “sim, claro”. É o mesmo Michael Gerard Tyson, com o mesmo CPF (ou *driver’s license*), a mesma tatuagem no rosto. Contudo, o que no fundo sabemos, porém não aceitamos – muito menos nossas carteiras –, é que “o curso que se pode discorrer não é o eterno curso; o nome que se pode nomear não é o eterno nome”.

Aquele Mike Tyson morreu faz tempo. Talvez quando o *uppercut* de Buster Douglas lhe despertou uma inédita humildade; talvez na

primeira derrota para **Evander Holyfield**; talvez junto da orelha deste. Aquele Mike Tyson pode ter morrido nos três anos em que passou na prisão, ou quando (ou porque, ou se) ele se tornou uma pessoa mais calma e resolvida com os próprios demônios. A morte de Iron Mike pode ter sido uma bênção para o Michael Gerard Tyson. O fato é que ele não está entre nós há muito tempo, a despeito dos sussurros do fantasma rentável da nostalgia.

Contra intuitivamente, Jake Paul, *le douchebag*, em um contexto muito específico, foi um *gentleman*. Não estou dizendo que ele é um cavalheiro, ou gente boa, ou um grande coração (também não estou dizendo o contrário – não o conheço e o assunto tampouco me interessa). No entanto, dentro daquele recorte específico, ele se compadeceu de um leão de circo já sem noção de tempo e espaço, dopado da própria sobrevivência.

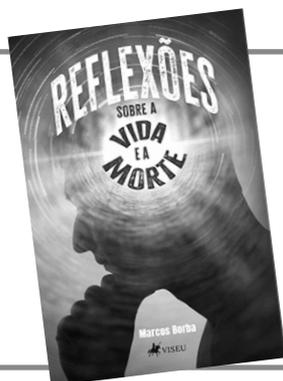
O que testemunhamos foi um espetáculo deprimente. Não só pelo passar do tempo, mas também por nossas próprias expectativas. E como somos pouco mais que a junção entre o que nos deprime e como reagimos à depressão, lá estava eu às duas horas da manhã, iludido de que teria imunidade a artimanhas tão rasteiras do entretenimento, assistindo aos restos mortais de Hércules engolidos por uma hidra cujas cabeças nem precisavam renascer. Assistindo ao abate de um elefante.

O espectador, esse cliente passivo porém ansioso, nunca conseguiu sua catarse esperada, mas o *show* vendeu e bateu recorde de audiência. E Iron Mike foi muito bem pago para isso. Ao fim da luta, Paul agradeceu aos “verdadeiros heróis”, começando pelo exército americano.

¹ Lembrando que tudo que puder virar produto inevitavelmente virará.

² O grande encontro da noite foi antecedido por três lutas: uma patifaria de Whindersson Nunes, muito bem pago para apanhar de um lutador de verdade (e ser sarrado, o que aparentemente lhe é engraçado mesmo num contexto de luta profissional); um confronto digníssimo entre Mario Barrios e Abel Ramos e, principalmente, uma revanche devastadora entre Katie Taylor com suas cabeçadas de pub irlandês e a porto-riquenha Amanda Serrano.

³ Até que ponto não criamos teorias, às vezes comicamente mirabolantes, para encontrar uma explicação que não estilhaça nossa noção de realidade? Quantas vezes o Brasil precisou perder no futebol para acreditarmos que o Brasil poderia perder no futebol? Por fim, confabular o que aconteceria se os dois se enfrentassem com a mesma idade é uma perda de tempo até em termos de exercício mental. Essa luta não existiria, nem deveria — só existe porque um tem 58 anos. Se existisse, duraria 10 segundos. Eles não são do mesmo universo.



Até onde a dor nos leva?

A experiência de vida e morte é imanente a qualquer ser humano e ao longo da nossa existência vamos aprendendo a sorrir e a chorar por meio das alegrias e dos sofrimentos que passamos. A presente obra é um mergulho empírico e profundo na dor humana diante do sofrimento e como transcendeu-se pela escrita, pela fé e pela reflexão filosófica o turbilhão de emoções e sentimentos vividos, transformando a angústia e o medo em um momento precioso de superação e de amadurecimento. Com uma atmosfera poética e reflexiva, sem medo de desnudar-se aos sentimentos mais frágeis, o autor apresenta reflexões advindas do período de tratamento do câncer de sua mãe, oferecendo ao leitor a possibilidade de identificar-se com os temas abordados de maneira direta e profunda.

Adquira pela Amazon ou via site do autor: marcosborba.com.br

Perna de pau

1

O doutor Arturo Frondizi e eu éramos altos e magros. Nessa época, ele estava no segundo ano como presidente da nação e eu cursava o 2º grau no colégio situado em El Salvador y Humboldt, da cidade de Buenos Aires.

Mais de uma vez me chegou, por essas excentricidades da mente humana, este pensamento: “Eu conheço a existência de Frondizi, mas ele não conhece a minha”.

O bairro do colégio era também meu bairro e eu o conhecia muito bem.

No vão final da Rua Costa Rica, isto é, uns metros antes de chegar a Dorrego se encontrava uma oficina mecânica de automóveis. O mecânico, eu costumava vê-lo na calçada da oficina, às vezes em pé, às vezes deitado debaixo de um carro, mas sempre vestido com um macacão azul com manchas de graxa. O certo é que não podia passar despercebido: seus quase dois metros de estatura e sua fisionomia de pedestal me faziam calcular seu peso de mais de 120 quilos. Além do mais, alguns dos atributos do sol: rosto avermelhado e redondo, olhos de um celeste diáfano, e cabelos louros tão claros, que pareciam brancos. Devia ter uns 30 anos de idade.

Ao cruzar Dorrego, Costa Rica se converte em Crámer e entra no bairro de Colegiales. Cem metros adiante aparecia — naquela época — o chamado *campito*, que era um descomunal terreno estendido, no espaço, entre as ruas Álvarez Thomas e Zapata, e que, no fundo, chegava até a Rua Jorge Newbery. Nele estavam vários campos de futebol, onde se disputavam partidas de jogadores aficionados. Os campos de jogo não ofereciam nenhum pingo de grama: eram de duríssima terra ressecada.

Para entrar no *campito* era necessário cruzar um afundamento por onde todos, de vez em quando, circulavam como em trincheira, e em um só caminho de ida e volta, um trem de cargas — foi eliminado faz mais de meio século — que conectava a Estação Colegiales del Ferrocarril Mitre com a Estação Chacarita del Ferrocarril San Martín. Não havia nenhum sinal de perigo: quando se aproximava o único trem daquele ramal, a negra locomotiva de vapor fazia soar um apito agudo, longo, triste e um pouco pavoroso. Da mesma maneira como acontece com os barcos, as locomotivas daquela época tinham nome; esta, conforme se lia em letras brancas, se chamava *LA GAUCHITA*.

2

De maneira que, nessa manhã dominical de julho, desci o primeiro barranco — declive: uns 45 graus — da via férrea, não ouvi nenhum apito, por precaução olhei à direita e à esquerda, cruzei os trilhos e subi pela segunda ladeira. Fui me reunir com meus companheiros do time chamado Rayo Azul, que ia enfrentar — em jogo meramente “amistoso” — outro time, Amanecer de Bollini.

(O organizador desses jogos era um tal de Azzimonti — nunca soube seu sobrenome —, indivíduo rude com seu eterno toco de cigarro na boca. Em sua juventude, segundo afirmou mais de uma vez, havia jogado como *insider* em um time de segunda de acesso: essa sapiência o autorizava a funcionar como uma espécie de diretor

técnico. Tinha um ajudante apelidado Tesourinha, imagino que por ser, ou ter sido, cabeleireiro.)

Não havia vestiários ou nada parecido. Na beira do campo, nos vestíamos de jogadores de futebol antes de iniciar o jogo e voltávamos a vestir nossas roupas de rua ao término do jogo. A uns 300 metros, e à beira do barranco mais perto da via ferroviária, se encontrava uma pequena coluna (um metro de altura) com um cano de água corrente: aí, ficávamos de cócoras, bebíamos e nos lavávamos superficialmente; mas a maioria, os extenuados por causa do jogo recém-terminado, tinham preguiça de percorrer tal distância, e preferiam voltar sedentos a suas casas.

Azzimonti, uma vez mais, me havia convocado para jogar, de maneira que contribuí muito vaidoso. Posição de ponta-esquerda ainda não tinha dono: às vezes eu era o titular, e Hugo Martínez, o suplente, e vice-versa. Assim, nessa ocasião eu começava o jogo como titular.

Minhas virtudes, contudo, não eram extremas nem muito brilhantes.

Eu tinha um bom drible, um chute preciso e potente e muita velocidade: tinha ganho o apelido de Galgo. Era destro, mas também podia ser canhoto, perna de pau, na condição de que a bola estivesse em movimento e, nesse caso, meu chute de esquerda era, ignoro por que motivo, mais violento que o da direita, mas, por outro lado, necessitava de direção precisa.

Não tinha outras qualidades. Era incapaz de dribles curtos. Necessitava de amplos espaços. Apesar da minha estatura, não tinha condições para o jogo aéreo, e era mal cabeceador (além do mais, só podia cabecear com o parietal esquerdo).

Embora destro, jogava — já disse isso — de ponta-esquerda. Isto constituía mais uma vantagem do que uma desvantagem. Se bem que, ao passar pelo lado esquerdo do campo, meu centro perna de pau podia ser de direção deficiente, por outra parte, meu drible de direita costumava atrapalhar o rival, acostumado a se enfrentar com pontas canhotos.

Eu era muito magro, muito frágil, pernas longas, 60 quilos escassos, se podia notar os ossos só de relance. Minha velocidade, minha aceleração repentina, faziam com que eu parecesse ainda mais frágil, e despertavam no rival o desejo de me lançar pelo ares. Pela minha idade, todavia, não estava de tudo desenvolvido. Quase todos os jogadores, tanto meus companheiros como os rivais, já eram homens robustos de mais de 20 anos, e sem contar com os que tinham 30, 35, ou mais ainda.

3

Os jogadores de Amanecer de Bollini vestem camisetas com listras verticais vermelhas e azuis, calça branca e meias azuis. Nossa camiseta é um pouco cafona: do ombro esquerdo até a última costela direita vibra eletricamente, sobre fundo branco, um risco azul; as meias e as calças são brancas.

O árbitro do jogo apita para começar o jogo e nos mexemos, cada um ocupando seu lugar, no campo de jogo.

Nas minhas costas está o número 11. Do outro lado da linha de meio-campo, com o 4 em sua camisa, está alguém

que conheço de vista e que eu tinha registrado como uma sorte de gigante rubicundo: não é outro senão o dono da oficina mecânica da Rua Costa Rica. Pelas vozes de seus companheiros, fico sabendo que se chama Tadeo.

E, da mesma forma que me aconteceu várias vezes com Arturo Frondizi, veio na minha mente o mesmo absurdo pensamento: “Eu sei quem é ele, mas ele tampouco não me conhece”.

Então o jogo começa.

Nos primeiros minutos, Amanecer de Bollini nos avassala até o ponto de não podermos tirar a bola de nosso campo, talvez nem de nossa área. Eu sou uma espécie de espectador. Pode-se dizer que quase não entrei no jogo; apenas participei de uns toques de ida e volta, sem chegar a dominar a bola.

Já foram 20 minutos de jogo. Por incrível que pareça, o jogo está zero a zero, quando, segundo o merecimento, deveríamos estar perdendo por ao menos três gols de diferença. Em meio do soçobro provocado pelo constante ataque do exército azul e vermelho, nosso zagueiro esquerdo, jogador pouco sutil, mas marcador feroz, afasta a bola com um chutão para as nuvens.

A bola, muito alta, começa a descer. E a vejo vir na minha direção. Apenas devo me afastar um pouco para tentar detê-la, como puder, com o peito. Como sou desajeitado, a bola rebate em mim e devo buscá-la a dois metros de distância. Eu a seguro, pisando-a com o pé direito.

Tudo isto dura menos que um segundo. A um metro, já tenho diante de mim a figura ciclópica de Tadeo, com as pernas muito abertas, os braços horizontais e os olhos celestes cravados em meus pés.

Curvando-me um pouco, finjo que vou me virar para dentro para passar pelo lado esquerdo de Tadeo: de fato, é um indício e salta até onde não estão nem a bola nem eu. Com isto se perde uma fração de segundo e, ao mesmo tempo, tropeça e continua de costas para seu próprio arco. Mais que suficiente para minha inveja e minhas longas pernas.

O Galgo coloca a bola com o lado interior do pé destro e, como uma exalação, passa pela direita do 4. Já está em terreno adversário. Com tanto campo livre adiante não é útil levar a bola junto ao pé. Desordenado, chuta a bola a uma boa distância dele e corre atrás dela, na máxima velocidade de que é capaz, em diagonal até o arco. Nesses poucos segundos, Tadeo fica uns tantos metros por trás do Galgo, cuja intenção é chutar o arco.

Mas, pelo meio, em outra diagonal, vem cruzá-lo o 2 rival; chega cego e descontrolado. Para o Galgo fica muito fácil, diante dessa sorte de búfalo, repetir o gancho, com seu pé hábil, de direita a esquerda. Mas agora se encontra quase junto da linha de fundo e já não é possível chutar o arco; em consequência faz a única coisa que pode fazer: pega a bola perna de pau, e seja o que a deusa Fortuna queira. O perna de pau pega forte, mas sem direção precisa: pode acontecer qualquer coisa.

A deusa da Fortuna quis que, entre os quatro ou cinco jogadores que já estão na grande área, a bola eleja a perna direita do centro dianteiro de Rayo Azul, que, cômodo e livre, converte o primeiro gol da partida.

Fernando Sorrentino

Tradução de Suely Reis Pinheiro

4

Voltemos à posição para recomeçar o jogo.

Estou muito feliz, sinto admiração por mim mesmo por causa da excelente jogada que fiz e que culminou em nosso primeiro gol. E este gol, embora não tivesse sido convertido por mim, se deveu principalmente por causa de minha habilidade física e a minha rapidez mental.

Esta espécie de embriaguez me faz cometer dois erros.

O primeiro erro é conceitual e leve: subestimo o rival e penso que Tadeo é o que, na gíria futebolística, chamamos de um tranco. Foi tão fácil enganá-lo e chegar à área rival, que — estou certo — fazer ele ficar louco desde agora até o último minuto da partida.

Aqui o segundo erro, que não é pequeno, mas grave e quase catastrófico.

Quando o olhar de Tadeo se cruza com o meu, não posso resistir à tentação de formar um círculo com sinais e mostrar direitos e levá-lo à altura da testa, de piscar um olho e de sorrir com a metade da boca, estalando os lábios: é o famoso “gestinho de ideia” forjado pelo ator cômico Carlos Balá.

Mas Tadeo não achou nenhuma graça; me lança um olhar não celestial, muito mesmo assassino e me insulta sem voz, movendo muito os lábios, para que eu leia as palavras injuriosas.

Recomeça o jogo. O desenvolvimento segue igual. De novo temos a defesa dentro da área, de novo cai nosso goleiro.

Recebo uma bola parecida com aquela que logo se converteu em gol. Com um indício de um grande sorriso, encaro Tadeo. Repito com êxito a mesma jogada destruidora em direção para dentro e ir para fora.

Mas, desta vez, não consegui ter quatro ou cinco metros de vantagem. Nem sequer afasto um milímetro.

Tadeo, dando volta com surpreendente rapidez, com sua perna direita me cruza com um chute que me machuca a tíbia. Levado por minha própria inércia, caio de bruços, para os lados e para frente. A cara, o nariz, o peito, os cotovelos, os joelhos, as pernas se arrastam no duro e empoeirado campo de jogo, especialmente doloroso por causa do frio de julho. Enquanto vou caindo, enquanto vou ferindo-me no chão, queria levantar-me para acertar em Tadeo um chute no estômago ou em qualquer outro lugar.

Mas não posso me levantar. Estou machucado, sangrando, dolorido, coberto de terra. O árbitro marca infração a nosso favor. Meus companheiros vão em cima de Tadeo. Ele é recriminado pela violência desnecessária da jogada. Há um breve tumulto. Socos, insultos, empurrões... Tadeo é advertido pelo árbitro, e não acontece nada.

Começa a sair sangue dos meus cotovelos, dos joelhos, do nariz. Saio do campo para melhorar um pouco. Estou com muito ódio: “Filho da puta”, resmungo, pensando em Tadeo, “como eu gostaria de chutar sua cabeça e mandá-lo para o hospital”.

— Calma, cara, calma! — me diz Azzimonti —. Não se irrite, porque não ganha nada e é pior. Cabeça fria e com juízo, cara, com juízo.

Volto para o campo: até a roupa me dói.

Trato de me acalmar. Mas já não sou o mesmo, já não estou tão grande como estava depois do gol; me encontro acovardado.

Vejo que Tadeo mudou de tática. Colado comigo, me marca de tal modo que nem sequer posso receber a bola. “Se me dão um metro”, digo a mim mesmo, “que é tudo o que preciso para dominar a bola, então com este paquiderme faço a festa”.

Sim, sem dúvida. Mas o fato é que o paquiderme não me dá o metro que necessito. Não me dá nem meio metro, nem vinte centímetros. Não me dá nada de nada. Ficou colado em mim, e sempre chega até a bola antes de mim.

Noto suas carências e isso me enche de indignação. É um jogador grosseiro sem nenhuma habilidade. Cabeceia como pode, chuta como pode: com o peito do pé, com a rótula, com a canela. Arfa e se esforça, tem espírito de sacrifício.

Tecnicamente, eu sou muito superior a Tadeo, mas não posso fazer nada contra aquele gigante que, além de não me permitir entrar no jogo, todo o tempo me lança dissimulados chutes e sopapos, me aplica cabeçadas, me belisca, faz com que eu me arrependa, puxa meu cabelo para doer, cospe em mim, a cada instante me diz, com voz entrecortada pelo cansaço, “Putinho filho de puta, assim vai aprender a não me encher, pentelho de merda. Vou te arruinar, já que está se fazendo de driblador e de habilidoso, sacana filho da puta”.

Isso Tadeo me disse, e não só me disse, enquanto me dizia, sinto seus joelhos de ferro e seus dedos de aço, e suas asquerosas cuspidas. Certamente, eu não tenho vocação de vítima e me defendo e ataco de uma só vez. Mas não tenho a força de Tadeo, e ainda sinto as dores da infração anterior.

Termina o primeiro tempo. Longe de ser um alívio, tenho que sofrer as recriminações de Azzimonti. Está decepcionado e furioso por causa da minha atuação. Não importa que eu esteja em inferioridade física:

—Agarra essa, cara, agarra essa. Se não pode driblar a marcação, o louro botou você no bolso.

Tento explicar a Azzimonti que, por mais que tento driblar, afastar-me do louro, se desinteressando por completo do jogo, se dedica exclusivamente a me perseguir por todo o campo, com a finalidade de me bater, de me insultar, de me cuspir...

—Você tem que ter personalidade, cara. Não se acovarde, cara. Se não tem personalidade, “al fulvo” não pode jogar mais.

Esses conselhos se dizem sim, e são sensatos. Mas, quando alguém já está acovardado, não há mais nada a fazer. Tenho vontade de sugerir a Azzimonti que, para o segundo tempo, ponha o Hugo Martínez em meu lugar. Mas não me atrevo: isso o faria louco de raiva. Nada mortifica mais Azzimonti que um jogador, sem estar machucado, peça sua própria troca; considera isso uma covardia inqualificável. E não deixa de ter razão.

Então, amedrontado e com vontade de estar muito longe dali, volto ao campo de jogo e se repete exatamente a situação sofrida durante o primeiro tempo: Tadeo continua a me martirizar e eu, amedrontado, concordo com a opinião de Azzimonti: não tenho personalidade e, portanto, não posso mais jogar futebol.

Felizmente, Azzimonti pede a troca e, em meu lugar, entra Hugo Martínez. Faltam 25 minutos para que acabe o jogo: durante esse segundo tempo, Amanecer de Bollini converte três gols. Na beira do campo, padeço com a chuva de reprovações que lançam sobre mim, Azzimonti e Tesourinha.

5

Depois de algum tempo os jogadores se dispersam. Eu, abatido, permaneço sentado na beira do campo até ficar sozinho. Estou com roupas de rua e com sapatos de couro; a roupa de jogador está na minha sacola.

Finalmente, fico em pé e, com a ideia de me refrescar, vou até a torneira que se encontra à beira da via férrea.

Então... oh!

Vejo a figura gigantesca de Tadeo, que, de costas para mim e abaixado, está molhando a cabeça e tomando água. Corro até ele com a intenção de dar um chute com o pé, com meu pé direito, um chute nas costas para que ele caia de cara na pedra e, então, sair fugindo a toda velocidade: não em vão sou o Galgo, que Tadeo jamais possa me alcançar.

Mas, um segundo antes, Tadeo percebe e acaba vendo não sei como: gira a cara avermelhada e a cabeça loura em minha direção e esboça um sorriso irônico e zombador. Continua de cócoras e essa cabeça vermelha — a bola — está em movimento, de maneira que nada me custa — perna de pau — dar-lhe um chute violento, tão violento, que o faça perder o equilíbrio, girar sobre si mesmo, despencar pela via férrea.

Levar três ou quatro quedas e cair no fundo. Ouço o ruído que produz seu crânio ao bater sobre um dos dormentes de *quebracho*. Ali está, horizontal e estendido transversalmente sobre o pedregulho e os trilhos.

Morto não está, pois está se movendo, um pouco com espasmos. Prefiro não ficar ali para verificar se consegue, ou não, se levantar do golpe e abandonar a via.

Convertido novamente no Galgo, empreendo veloz carreira pela margem da via férrea, com o objetivo de fugir o mais rápido e mais longe possível de Tadeo e suas aflições físicas.

Cem metros, 300, 500...

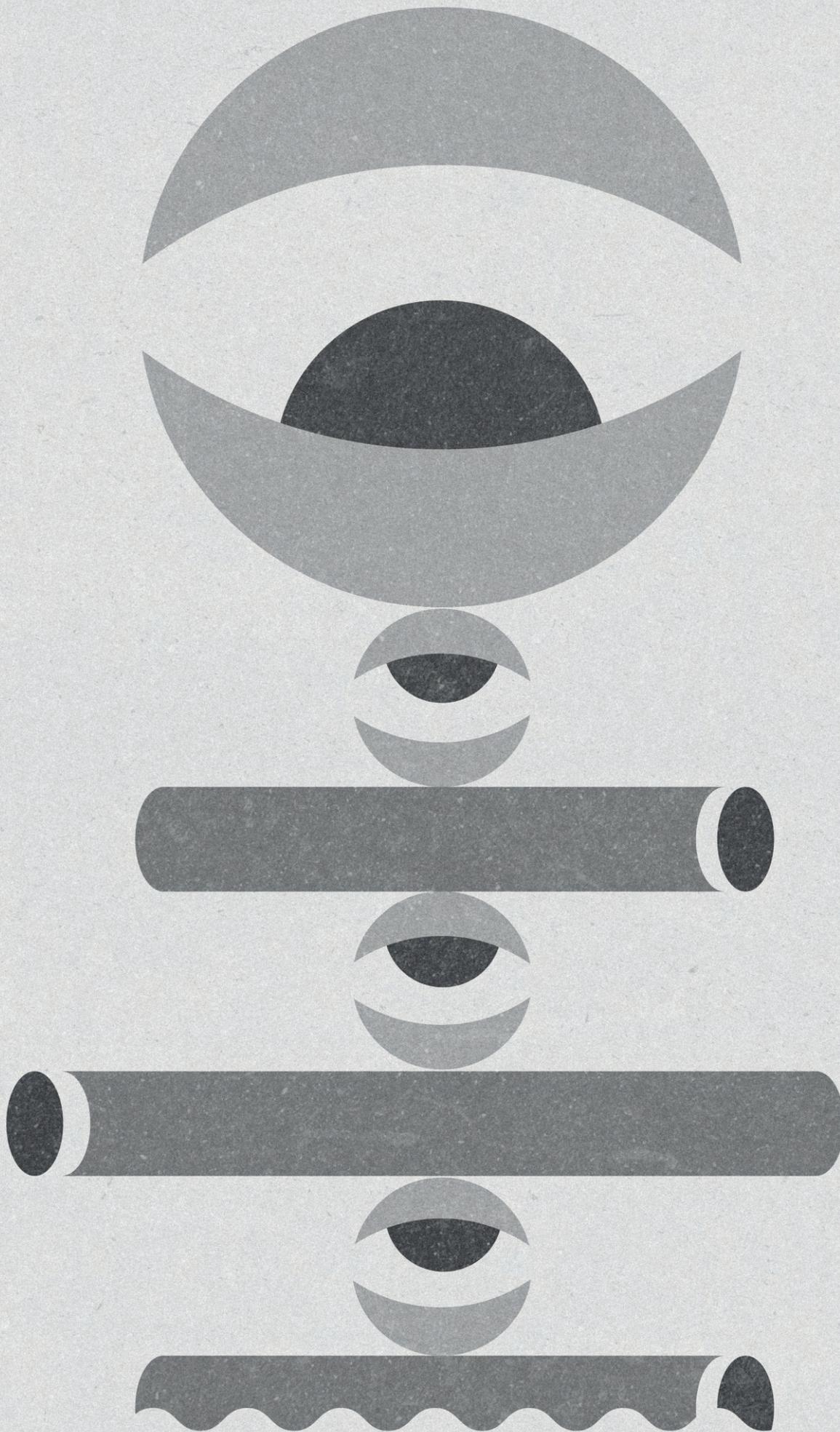
Então ouço, não muito longe, o apito agudo, triste e um pouco pavoroso da La Gauchita.

6

Nesse mesmo dia abandonei para sempre a prática do futebol. Não devido à falta de personalidade que havia observado Azzimonti.

Não queria me ver obrigado, em situações extremas, a chutar sem direção, perna de pau, porque — já disse antes — perna de pau forte, mas sem direção resulta forte, mas sem direção precisa: pode acontecer qualquer coisa.

E jamais voltei a passar pela última quadra da Rua Costa Rica, pois me perseguiram os dois temores. Por um lado, o medo de que, de pé na calçada da oficina mecânica, com seu macacão manchado de graxa, Tadeo viesse até mim. E, por outro, um medo muito mais angustiante: o de que eu não mais o visse, em pé na calçada da oficina mecânica, com seu macacão sujo de graxa.



Eleazar Carrias

o professor Saboro tinha 67 anos quando chupou meu pau. eu tinha 44 e me senti um menino. seu corpo branco roliço ajoelhado entre minhas pernas finas, senti que meu espírito se elevava eu era agora um homem bom. gozei na sua boca puxando-o contra mim pelos cabelos da nuca. voltei a ter 13 anos e vi meu pai me dizendo o homem tem de pensar nos outros, meu filho. tenho de pensar nos outros, meu pai. eu era bom e meu pai me amava. finalmente bom finalmente amado.

Night Mare

Cinco anos atrás
 Era noite
 E meus medos
 Eram somente meus
 Mas como em um teatro
 De sombras
 Nossas mãos se encontraram
 Sem se encostar
 Paralisei
 ...
 E nossos demônios

Conversaram
 por quatro horas ou mais
 Conversas de terror:
 Precipícios,
 (Entramos em queda livre),
 Tempestades, maremotos,
 (O mar se aproximando)
 ...
 Respire fundo
 e conte até três:
 Inundação

Mergulhamos
 nas águas escuras
 desse quarto naufragado
 Somos dois agora
 Monstros aquáticos
 Feitos de escama
 E rancor
 ...
 Você chora
 E eu não posso fazer nada.

A Realização da Sombra

Uma câmara escura
 com uma abertura
 que permitisse
 a passagem
 não da imagem em si
 Mas para cada feixe de sonho,
 um trauma.
 Para cada ato,
 um falho.
 Disse Leonard Cohen uma vez
 que há uma rachadura em tudo e que
 é assim que essa luz entra.
 (Acho que é assim também
 que a luz
 revela
 desventuras em álbum)

A Casa dos Sonhos

Chegar em casa
 Virar a chave na fechadura
 Abrir a porta
 Prestar atenção aos detalhes.
 No corredor,
 objetos mundanos
 cooperando com o inconsciente:
 Um relógio parado
 Um cinzeiro quebrado
 Paredes oníricas
 onde penduro quadros
 virados para trás
 Andar até o quarto:
 A cama,
 na qual se sonham porões
 e outras partes escondidas
 Metros quadrados
 que não aparecem
 no anúncio da imobiliária
 Espaços construídos
 noite após noite
 (Onde se dorme
 se cria um mundo de referências).



Maria Beatriz Oliveira

PENSA RÁPIDO

Da janela das coisas que eu procurei, mas não necessariamente desejava, alguém parou para reclamar. E de tão sozinha, fiquei contente porque acreditei que era comigo.

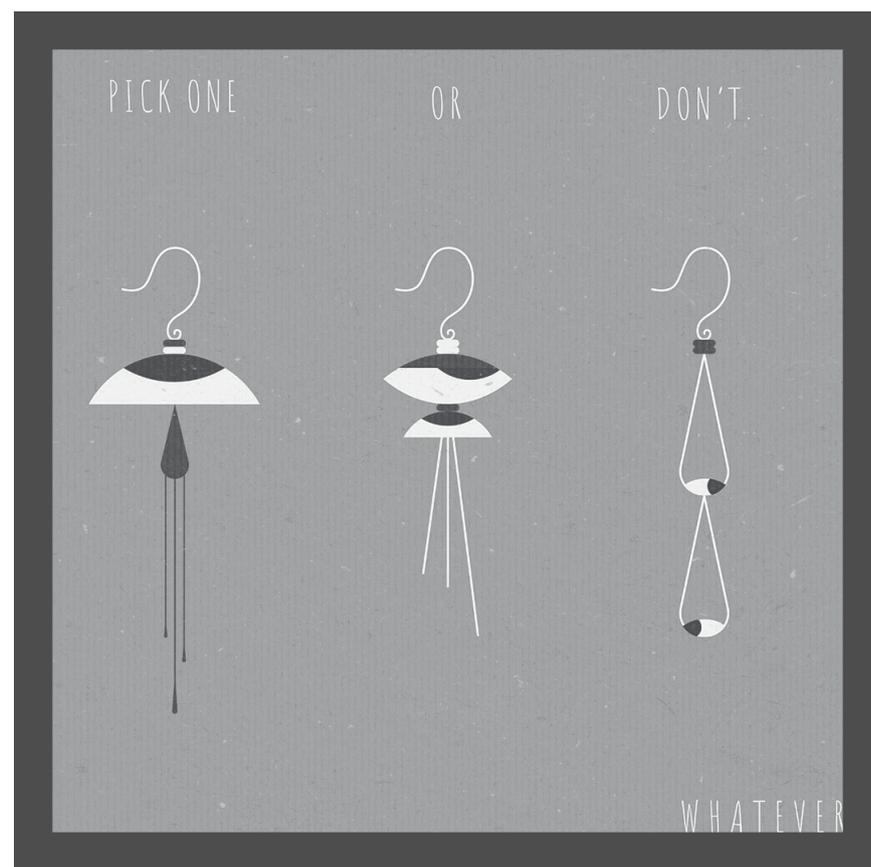
Chovia uma água fina, irritante e indecisa entre me molhar ou não. Desviando do meu ombro para depois acertar em cheio a minha testa. E eu já havia me salvado das gotas discretas quando alguém parou na minha janela temporária para reclamar.

Achei que a pessoa pudesse me ver assim como eu podia vê-la, com seu casaco cinzento e sua coragem de não andar por aí com guarda-chuva. Achei que ela reclamava comigo por minha audácia de estar abrigada quando ele lutava com os pingos estreitos lá fora. Mas não era.

Alguém reclamava ao telefone. Dizia que havia sido prometido algo, que tinha provas da promessa e que agora tinha o direito de cobrar. Estava desempregado e precisou vender o terreno de outro alguém. E agora o dinheiro ameaçava se findar. Que cumprissem a promessa que havia sido feita.

Minha mãe disse para eu ter cuidado com o que eu prometia. Ela quase nunca me deixava prometer nada. Falava para eu não sair por aí distribuindo palavras sem saber do fardo do compromisso. Alguma mãe tinha deixado de falar essas coisas para a pessoa do outro lado do celular, da pessoa do outro lado da janela. Janela que não é a minha ainda.

Fiquei pensando, enquanto constatava que trabalhava como uma intrusa na vida alheia, que a solidão dos problemas daquela pessoa era muito suntuosa, maior do que a minha solidão de ser sozinha. Dizem que nenhum homem é uma ilha. Mas há coisas e há dias e há garoas esguias



que temos que domar assim, como um arquipélago.

Pelo vidro condensado, cheio de caminhos d'água em descendência para a linha de chegada dos trilhos, eu pensava o quão melhor seria não pesar nada. O que falta para que os meus joelhos parem de correr muito sem enxergar coisa alguma? O que preciso fazer para deixar os verbos largados dentro do céu da boca? Uma constelação de coisas que não precisam ser ditas.

À pessoa com o casaco cinzento da Nike que parou para reclamar naquela janela, como sei que estava correta em suas cobranças. Como sei que não

poderia errar o mesmo erro que eu, de ter grandes sentenças perdidas nos dedos, de ter que se arrepender quase sempre. Você desligou o telefone com a certeza de que não se poderia errar. De que tudo estava certo, mesmo que a vida estivesse errada. Mas tudo em você estava certo. E havia o telefone. E a confiança de que ninguém pode deixar uma promessa quebrada.

De que se nasceu para isso, para se molhar irritantemente e, quando Deus quer, felizmente. Para cantar e chorar. Para, através da janela, saber que não se foi abandonado, que alguém fala, não com você, mas para você.



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMONINHOS
.COM.BR

IG @EDITORAMONINHOS

Nuno Brito

A revitalização da canção de ninar no Modernismo Brasileiro

*Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.*

Carlos Drummond de Andrade, "Canção Amiga"

A canção de ninar ou canção de embalar constitui uma forma de música e poesia popular em que a melodia e a letra têm por objetivo adormecer, apaziguar ou embalar aquele que a ouve, normalmente a criança que está ao colo ou no berço. A sua origem é antiga e está presente em todos os povos e línguas do mundo. Ela é tecida normalmente num ritmo lento, cantada ou sussurrada numa voz baixa e calma que busca ritmar o coração da criança com o coração da mãe para lhe dar segurança e proporcionar a entrada no sono. O ritmo seguro, constante, é então um elemento central a esta forma de canção popular que assume um grande reportório no folclore tradicional da língua portuguesa. Algumas destas canções são de origem incerta e passam de geração em geração, tornando-se ainda mais populares e alvo de renovadas adaptações musicais, entre elas encontram-se, por exemplo, "Boi da Cara Preta", "Bicho Papão", "Brilha Brilha Estrelinha", "Se Essa Rua Fosse Minha", "A Dona Aranha" ou "A Chuva".

Algumas destas cantigas populares contam uma história que simula uma situação ameaçadora, uma determinada situação de perigo (um animal, um monstro, um ladrão) que pode afetar a criança no caso de ela não dormir. A ameaça por meio do humor é um tema recorrente nas canções de ninar de diferentes espaços geográficos, tal é o caso de uma cantiga tradicional cantada pelos Luo, um povo do Oeste do Quênia em que se canta que o bebê que chorar será comido por uma hiena. O Boi da cara preta e o bicho papão são exemplos na nossa língua.

A canção de ninar brasileira já foi objeto de estudo musical, etnográfico, folclórico, sociológico, psicanalítico e no âmbito poético-literário. Na sua aproximação pelo popular e pelas raí-

zes culturais e coletivas a poesia do modernismo brasileiro vai se interessar fortemente por esta expressão popular dialogando também ativamente e criativamente com ela. Desde logo, por meio da recompilação de músicas e histórias do folclore tradicional brasileiro, é levada a cabo, por exemplo, por Mário de Andrade, que percorre o país em recolha de histórias, lendas, músicas e expressões que vai registrando continuamente. O fascínio pelo popular e pelo folclore original levam também Heitor Villa-Lobos a interessar-se por este tipo de composições, levando-o a compor adaptações musicais de canções de ninar. O universo infantil, como tradicional destinatário desta manifestação popular, é fortemente revisitado por autores do modernismo brasileiro, como Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade.

A conexão entre a infância e a musicalidade poética é fortemente presente na poesia de Manuel Bandeira. A experiência do sono infantil conectada com a profundidade que Manuel Bandeira confere a esta etapa é vista com grande vitalidade em poemas como "Profundamente", em que a entrada no sono infantil serve também de imagem à própria morte e à revitalização que ela traz.

O lugar e a invocação da memória, conectado a uma ampla vitalidade de um ritmo sagrado faz-se sentir também em poemas como "Boi Morto", em que o balanço, a fluidez e a vitalidade de uma transparência infantil se conectam a um ritmo físico-mágico em que a palavra se aproxima de uma força sagrada; balanço, fluidez, transparência e simplicidade são temas centrais da sua poesia. O tema do sono infantil é igualmente um eixo temático fortemente presente na poética de Cecília Meireles, desde logo nas canções, tal como como no poema "Embalado da canção":

Embalado da canção Meireles, 1983, p. 158

Que a voz adormeça
que canta a canção!
Nem o céu floresça
Nem floresça o chão.

(Só-minha cabeça,
só - meu coração.
Solidão.)

Que não alvoreça
nova ocasião!
Que o tempo se esqueça
de recordação

(Nem minha cabeça
nem meu coração.
Solidão!)

O modo subjuntivo do primeiro verso expressa e fortalece o desejo de entrada no sono, feito como em forma de prece: "Que a voz adormeça", "que não alvoreça", "que o tempo se esqueça", modo subjuntivo que, neste tipo de canção popular, é um sinal de imperativo: *Dorme meu menino*, sussurrado, dito em voz baixa, como no poema "Em voz baixa"

Em voz baixa Meireles, 1983, p. 159

Sempre que me vou embora
é com silêncio maior.
As solidões deste mundo
Conheço-as todas de cor.

Desse-me a sorte um cavalo,
ou um barco em cima do mar!
Relincho ou marulho - alguma
Coisa que me acompanhar!

Mas não. Sempre mais comigo
vou levando os passos meus,
até me perder de todo
no indeterminado Deus.

A preposição "em" que abre o título direciona desde logo o leitor para uma determinada leitura do poema. Ele deve ser lido em voz baixa, como uma canção de embalar, ficando sugerida a sua lentidão. O poema pretende-se alinhado com um *silêncio maior*, o da leitura lenta e baixa ritmada por outras pulsações constantes, o *relincho do cavalo* e o *marulho do mar* acompanham o ritmo do poema em que o exterior e o interior se despolarizam e centralizam; ritmando-se o Eu e o Mundo, a canção dirige-se ao centro pela via do apelo à simplicidade, ao mínimo e ao essencial, como nos sugerem também os poemas "Pequena canção" e "Canção mínima".

Pequena Canção Meireles, 1983, pp. 163

Pássaro da lua,
Que queres cantar,
Nessa terra tua,
Sem flor e sem mar?

Canção mínima Meireles, 1983, pp. 163-164

No mistério do Sem-fim.
equilibra-se um planeta.

E no planeta um jardim,
e, no jardim, um canteiro;
no canteiro, uma violeta,
e sobre ela, o dia inteiro,

entre o planeta e o Sem-Fim,
a asa de uma borboleta.

A canção reduzida ao mínimo e ao ínfimo procura transmitir a transparência da fala da infância. A canção é pequena, essencial e não pretende mais do que adormecer, embalar, aproximar do centro, ela é, como Cecília Meireles enfatiza por meio do diminutivo, uma "cançãozinha de ninar":

Cançãozinha de ninar

Meireles, 1983, p. 164

O mar o convalescente mira.
 – Que pena, que pena no seu mirar! –
 Como quem namora, suspira,
 e quem tem medo de se enamorar.

Água, que pareces um ramo de flores,
 o nome dos humanos amores
 mora na espuma do mar ...

O céu o convalescente mira.
 – Que pena, que pena no seu mirar! –
 Como quem vai morrer, suspira,
 e quem tem medo de ressuscitar.

Nuvem que pareces um ramo de flores.
 O nome dos humanos amores
 Mora no hálito do ar.

O marulho e o ritmo do mar que simulam o ritmo constante da entrada no sono dita o batimento inicial do poema, sugerindo-lhe uma fluidez constante e homogênea, mas, tal como o ritmo do mar, ele torna-se imprevisível e, de “convalescente”, as imagens da segunda estrofe passam a gerar ondulações imagéticas inusitadas e surpreendentes: o ritmo do poema torna-se inesperado e “a água parece um ramo de flores”. O mar, que carrega em si literariamente desde a antiguidade sentidos que se foram densificando com o próprio uso poético, é revitalizado tornando-se incomum pela surpresa e espanto da imagem: *invenção* e *surpresa* que Oswald de Andrade ligava no *Manifesto Pau Brasil* (1924) à nova poesia do modernismo. Dessa forma, revitalizando lugares-comuns da canção de ninar, Cecília Meireles aumenta o olhar e o universo infantil desta canção com novas imagens. Em “Embaló”, é a própria voz que canta que se deixa adormecer:

Embaló

Meireles, 1983, pp.164-165

Adormeço em ti minha vida,
 – flor de sombra e de solidão –
 da terra aos céus oferecida
 para alguma constelação.

Não pergunto mais o motivo,
 não pergunto mais a razão
 de viver no mundo em que vivo,
 pelas coisas que morrerão.

Adormeço em ti minha vida,
 imóvel na noite, e sem voz.
 A lua, em meu peito perdida,
 vê que tudo em mim somos nós.

Nós! – E no entanto eu sei que estão
 brotando pela noite lisa
 as lágrimas de uma canção
 pelo que não se realiza...

O movimento da canção dirige-se novamente para dentro, em direção à infância. Também em Carlos Drummond de Andrade sentiremos uma forte presença do imaginário da canção de ninar, revitalizada com grande originalidade e poder de criação. O poema “Canção Amiga”, incluído no livro *Novos Poemas* (1948,) começa com o esboço de um projeto literário:

Eu preparo uma canção
 em que minha mãe se reconheça,
 todas as mães se reconheçam,
 e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
 que passa em muitos países.
 Se não me vêem, eu vejo
 e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
 como quem ama ou sorri.
 No jeito mais natural
 dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
 formam um só diamante.
 Aprendi novas palavras
 e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
 que faça acordar os homens
 e adormecer as crianças.

Andrade, 2004, p. 402

A prioridade de acordar os homens, aqui no sentido universal, é nivelada pelo sono infantil, não enquanto anestesia ou ausência de vigília, mas enquanto opulência para a verdade do mundo. Nesse sentido, a canção acorda para criar uma vigilância adulta que corresponda à pureza do sono infantil. Drummond revitaliza o fim inicial da canção de ninar e subverte a sua função: a canção desperta poeticamente, a poesia acorda e torna atentos empaticamente os seres humanos, acorda-os plenamente e inteiramente numa vigília inteira como

o sonho de uma criança. A canção não trata agora de induzir o sono, pacificar ou anestesiá-lo, mas de acordar e aumentar o mundo com sonho e possibilidade, possibilita expandir a vigília dos seres adultos com a verdade inicial de se ser criança, a literatura como um “sonho acordado da civilização” (Candido, 2011, p. 47). A canção é, assim, no sentido inverso, não apenas na sua função, mas na sua direção: a canção é dirigida à mãe, em sentido contrário, procura a identificação e o reconhecimento; de tradicional autora desta manifestação poética popular, agora é o seu destinatário. Nesse sentido, a canção é uma forma de tornar sensível o olhar, aumentar a vigília, a empatia e a inteligência e só é canção ou poesia aquilo em que uma mãe se possa reconhecer.

Poeticamente, Carlos de Andrade recria esta forma tradicional da música popular, não só por meio da surpresa e do espanto presentes nas revitalizações de Cecília Meireles, mas conferindo também a esta forma tradicional uma nova escala e uma nova perspectiva, de novo em contato com o *Manifesto Pau Brasil* (1924), dois dos elementos primários necessários à poesia brasileira. A mulher adulta volta a ser destinatário da canção de embalar na poesia de Carlos Drummond de Andrade em: “Canção para ninar mulher”:

Canção para ninar mulher

Andrade, 2004, p. 347

Olha o bicho preto
 que vem lá de longe,
 olha e fica quietinha.
 Olha a lua nascendo
 atrás daquela porta.
 Tem um gato, um passarinho,
 um anel de brilhante,
 todos três para você.
 Dorme, que eu te dou
 um vestido, um país,
 te dou... ah isso não dou não.
 Dorme que o gatuno
 de olho de vidro
 e smoking furtado
 subiu na parede
 para te espiar.
 Dorme devagar.
 Dorme bem de manso
 senão eu te pego,
 te dou um abraço
 e te espinho toda.
 (Eu não sou daqui,
 sou de outra nação,

eu não sou brinquedo.)
 Dorme na Argentina,
 dorme na Alemanha
 ou no Maranhão,
 dorme bem dormido.
 Dorme que o capeta
 está perguntando
 quedê a mulher acordada,
 para dormir com ela.”

Tal como em grande parte das canções de ninar do repertório da língua portuguesa, Carlos Drummond de Andrade simula neste poema um perigo: o bicho preto que ameaça o sonho e a vida, não neste caso da criança, mas da mulher. O animal é personificado também através do homem (o capeta), que se manifesta como marca presente deste perigo: “Dorme que o capeta / está perguntando / quedê a mulher acordada, / para dormir com ela.” O imperativo próprio destas canções é repetido: “Dorme na Argentina, / dorme na Alemanha / ou no Maranhão, / dorme bem dormido”. Imperativo desde logo fortemente usado em muitos dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, onde um Eu e um Tu se tornam muitas vezes indissociáveis e transferíveis, como em “Consolo na Praia” ou “Segredo”, ou ainda, de outra forma, em “José”.

O poema “Cantiga de enganar”, de *Claro Enigma* (1951), é também ele uma visitação de Drummond à canção de ninar em um dos textos mais complexos e amplos do poeta brasileiro: extenso e denso de sentidos, a explorar amplamente a polissemia das palavras. O título indica, desde logo, o diálogo com esta forma de canção popular, mas o vocábulo “enganar” implica desde logo um alerta para a sua leitura:

Cantiga de Enganar

Andrade, 1996, p. 74

O mundo não vale o mundo,
 meu bem.
 Eu plantei um pé-de-sono,
 brotaram vinte roseiras.
 Se me cortei nelas todas
 e se todas se tingiram
 de um vago sangue jorrado
 ao capricho dos espinhos,
 não foi culpa de ninguém.
 O mundo,
 meu bem,
 não vale
 a pena, e a face serena
 vale a face torturada.

Há muito aprendi a rir,
de quê? de mim? ou de nada?
O mundo, valer não vale.
Tal como sombra no vale,
a vida baixa... e se sobe
algum som deste declive,
não é grito de pastor
convocando seu rebanho.
Não é flauta, não é canto
de amoroso desencanto.
Não é suspiro de grilo,
voz noturna de nascentes,
não é mãe chamando filho,
não é silvo de serpentes
esquecidas de morder
como abstratas ao luar.
Não é choro de criança
para um homem se formar.
Tampouco a respiração
de soldados e de enfermos,
de meninos internados
ou de freiras em clausura.
Não são grupos submergidos
nas geleiras do entressono
e que deixem desprender-se,
menos que simples palavra,
menos que folha no outono,
a partícula sonora
que a vida contém, e a morte
contém, o mero registro
da energia concentrada.
Não é nem isto, nem nada.
É som que precede a música,
sobrante dos desencontros
e dos encontros fortuitos,
dos malencontros e das
miragens que se condensam
ou que se dissolvem noutras
absurdas figurações.
O mundo não tem sentido.
O mundo e suas canções
de timbre mais comovido
estão calados, e a fala
que de uma para outra sala
ouvimos em certo instante
é silêncio que faz eco
e que volta a ser silêncio
no negrume circundante.
Silêncio: que quer dizer?
Que diz a boca do mundo?
Meu bem, o mundo é fechado,
se não for antes vazio.
O mundo é talvez: e é só.
Talvez nem seja talvez.
O mundo não vale a pena,
mas a pena não existe.
Meu bem, façamos de conta.
De sofrer e de olvidar,
de lembrar e de fruir,
de escolher nossas lembranças
e revertê-las, acaso

se lembrem demais em nós.
Façamos, meu bem, de conta
— mas a conta não existe —
que é tudo como se fosse,
ou que, se fora, não era.
Meu bem, usemos palavras.
Façamos mundos: ideias.
Deixemos o mundo aos outros,
já que o querem gastar.
Meu bem, sejamos fortíssimos
— mas a força não existe —
e na mais pura mentira
do mundo que se desmente,
recortemos nossa imagem,
mais ilusória que tudo,
pois haverá maior falso
que imaginar-se alguém vivo,
como se um sonho pudesse
dar-nos o gosto do sonho?
Mas o sonho não existe.
Meu bem, assim acordados,
assim lúcidos, severos,
ou assim abandonados,
deixando-nos à deriva
levar na palma do tempo
— mas o tempo não existe —,
sejamos como se fôramos
num mundo que fosse: o Mundo.

A intenção de fazer adormecer, que é a finalidade destes gêneros, aparece-nos no poema como uma primeira sugestão de leitura: adormecer, enganar, iludir são expressões que tecem uma rede verbal subjacente ao núcleo do poema. Vários são os enganos possíveis, mas o primeiro engano é determinado logo pelo título. Dizer que há um engano é já fazer nivelar o poema por uma verdade, alertar o leitor para um perigo, desconstruir a continuação do texto a partir de um alerta, fazê-lo corresponder a uma leitura determinada. O título prepara-nos, antecipadamente e ironicamente, para um cuidado que temos que ter com a leitura, para um novo acordo receptivo. Preparado o leitor para o engano, parte protegido para a leitura.

Segundo engano: “O mundo não vale o mundo”. Logo no primeiro verso, o leitor sente-se desestabilizado. A leitura, cuja sinalização tinha acontecido no título, começa sob o signo de uma carência. O poema destrói certezas, implica o nascimento da interrogação, da revitalização do mundo. O mundo não vale — terceira mentira? — ou origem de uma verdade categórica; numa ordem lógica e linear imposto por uma visão mercadológica, o mundo não tem valor. Vale a matéria-prima, vale aquilo a que, através de um acordo milenar foi atribuído valor, utilidade, poder sobre o desejo

humano. O mundo não tem valor, como tal, ele é despido, a mentira e o engano escondem assim uma primeira verdade: “O mundo não vale”. Se há um engano, ele estará (talvez nos diga Drummond até ao limite) em qualquer conhecimento feito e acabado, em qualquer noção de valor, de utilidade, nos seus fechamentos, ou em tudo que não seja riso, em tudo que não seja risco, de alguma forma irônico e plural, em tudo aquilo que não contiver em si um paradoxo e uma aporia, em tudo que não se mexe, que não nos escape das mãos, em qualquer chão que não trema debaixo dos nossos pés. O equilíbrio é agora instável, a leitura e a procura são a partir de agora incômodas, o mundo não vale a pena (mas o que é valer a pena?). O valor não há, a utilidade não há. Talvez, por isso todos os versos de Drummond dialoguem com este, e repensem com profundidade e sinceridade o valor do mundo e o valor do humano, e nos alertem para um engano que está em toda a parte menos no poema. Talvez por isso o título se dirija ao exterior do poema, parta de dentro para fora, talvez ele nos sirva de engano. Fora do riso, do irônico, do anti-retórico e do chão não há verdade. Em toda mitificação, em toda idealização, em tudo aquilo que não pisamos, há um engano a que temos de resistir. Talvez por isso Drummond nos diga que a poesia é a realidade mais verdadeira, a mais necessária e vital ao mundo e também a mais comunitária e inteira, a poesia inteira-nos e por isso acorda profundamente, acorda atentamente e empaticamente. Atentemos ainda ao destinatário plural do poema e ao seu imperativo plural: “Sejamos, Recortemos Façamos, Façamos de conta, Façamos mundos: ideias”. A canção de ninar surge como um poema que tem um destinatário coletivo e que tem uma função impessoal. A analogia entre o embalço e a ilusão ou o enganar potenciam as possíveis leituras do poema e fazem dele um dos textos mais complexos e profundos, mas também mais gerais e amplos de Drummond. Dentro do diálogo com a canção de ninar Vinicius de Moraes escreveu ainda a “canção de ninar meu bem”, composta com Baden Powell.

Hoje a lua despiu seu véu
E flutua a dormir no céu
Na canção que de mim nasceu
Meu amado adormeceu
Meu amado adormeceu

Dorme, meu amor
Como no céu a lua
Tu serás sempre meu
E eu só tua

Dorme, amigo, que a poesia
É um mistério que não tem fim

Dorme em calma
Que assim, um dia
Dormirás para sempre em mim
Dormirás para sempre em mim

Moraes; Powell, 1967

A poesia do Modernismo Brasileiro encontrou no gênero popular da canção de ninar um campo imaginativo de grande amplitude com o qual podia dialogar criativamente, mas também expandir com poder de revitalização pelo poder da imagem, da reflexão, da criatividade. Pela via do inusitado e pela surpresa, conferiu-lhe também uma nova escala e uma nova perspectiva, celebrando o encontro com o popular e o comunitário, aquilo que é a imaginação coletiva, um campo amplo de possibilidades para a poesia.

Bibliografia:

ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto de poesia pau-brasil*. Correio da Manhã, 18 de Março de 1924

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

MEIRELES, Cecília. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1983.

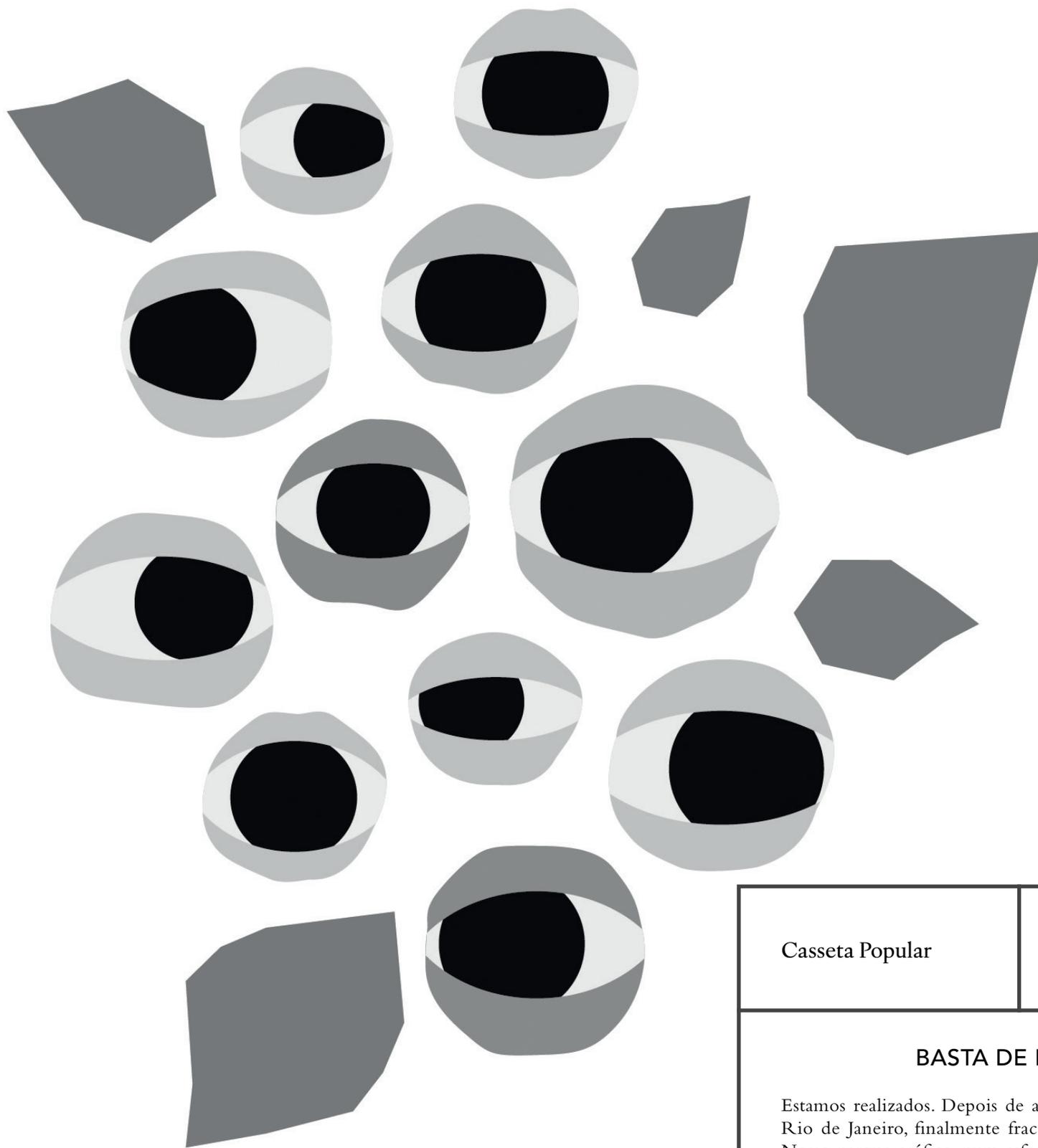


**Poetas e Ficcionistas,
venham prosear com a gente**

publiqueconosco@editorapangeia.com.br

Conheça mais
www.editorapangeia.com.br

Nós nos desdobramos / Para que cada Escritor /
Tenha uma casa / Que possa chamar de Sua



Casseta Popular

Editorial do Ano I, nº 2,
1986, com ajustes de
pontuação da Redação

BASTA DE BOSTA!

Estamos realizados. Depois de anos de fracasso restrito ao Rio de Janeiro, finalmente fracassamos em todo o Brasil. Nosso parque gráfico, num esforço hercúleo (seja lá o que for isso), produziu 50.000 exemplares e nos proporcionou o fabuloso encalhe de 120%, o que nos obrigou a ampliar nossas instalações construindo mais dois galpões para depósito de toda nossa produção cultural.

No Brasil inteiro só se fala de outra coisa. Nem todos nós conseguimos comer a Monique Evans. Tampouco Caetano fez uma música pra gente (a gente dá sorte). Nosso clip no Fantástico foi adiado sine-die (ficou condicionado à demissão de um tal de Marinho). Mas a gente vai levando... (no rabo). Afinal o fracasso tem também o seu lado bom, só não conseguimos ainda descobrir qual é.

Mas a vida é assim: faz a fama e deita na lama. Por isso, leitores, conclamamos todos vocês a participarem dessa brigada, dessa campanha lúdica, pública, pública, lúgubre, pélvica e, acima de tudo, patriótica.

NESSE INVERNO, AGASALHE UMA CASSETA!